

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

GIOVANNA THAÍS MARÇAL

O uso do rádio na construção da imagem de Vargas
análise sonora do programa *Hora da Independência*

Mariana
2026

GIOVANNA THAÍS MARÇAL

O uso do rádio na construção da imagem de Vargas
análise sonora do programa *Hora da Independência*

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito
parcial para obtenção de título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Juliana Gobbi Betti

MARIANA
2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M313u Marcal, Giovanna Thais.

O Uso do Rádio na Construção da Imagem de Vargas [manuscrito]:
Análise Sonora do Programa Hora da Independência. / Giovanna Thais
Marcal. - 2026.
69 f.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Gobbi Betti.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Vargas, Getúlio, 1882-1954. 2. Discursos, alocações, etc. 3.
Políticos - História. 4. Rádio - História. I. Betti, Juliana Gobbi. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 654.19(81)(091)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Giovanna Thaís Marçal

O Uso do Rádio na Construção da Imagem de Vargas: Análise Sonora do Programa Hora da Independência

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 30 de julho de 2026

Membros da banca

Profa. Dra. Juliana Gobbi Betti - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Debora Cristina Lopez - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Mariana Barbosa Gonçalves - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Juliana Gobbi Betti, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/09/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Cristina Gobbi Betti, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/09/2026, às 02:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1184220** e o código CRC **FA2C63A7**.

Dedico este trabalho à minha mãe, Terezinha Soares de Jesus Marçal (*in memoriam*), por todo o amor, cuidado, apoio e força que me ofereceu ao longo da vida. Sua presença, seus ensinamentos e seu exemplo permanecem vivos em minha memória e me acompanharam em cada etapa desta caminhada. Com saudade e eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter caminhado ao meu lado durante toda essa trajetória, guiando-me e fortalecendo-me nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha mãe, Terezinha, por ter sido minha melhor amiga e o lar para o qual sempre pude voltar. Você foi, e continua sendo, fundamental em todos os momentos da minha vida.

Agradeço ao meu pai, José, por tornar possível minha entrada e permanência na universidade, oferecendo o suporte necessário para que eu pudesse concluir esta etapa.

Agradeço ao meu irmão, Marcelo, por ser meu maior incentivador e exemplo. Foi você quem despertou em mim o interesse pelo caminho acadêmico e me encorajou a perseguir meus sonhos. Sem você, provavelmente eu não estaria aqui hoje.

Agradeço ao meu noivo, Joseph, por todo o apoio emocional ao longo do curso e da minha vida pessoal. Obrigada por compartilhar comigo os momentos bons e ruins e por estar ao meu lado em todas as etapas dessa caminhada.

Agradeço à minha orientadora, Juliana Gobbi, por todo o apoio, dedicação e orientação durante esta pesquisa e, principalmente, por acreditar em mim e não permitir que eu desistisse.

Por fim, agradeço aos meus colegas de curso e aos professores que tornaram essa caminhada mais leve e enriquecedora. Em especial, agradeço aos meus amigos Ryan, Ana Beatriz e Sabrine, que compartilharam comigo os desafios, as conquistas e os aprendizados dessa jornada.

RESUMO

Esta pesquisa investiga o papel do rádio na construção da imagem presidencial de Getúlio Dornelles Vargas, tendo como objeto de análise a edição especial do programa *A Hora do Brasil*, intitulada *Hora da Independência*, que retrata as comemorações do 7 de Setembro de 1942. Parte-se do pressuposto de que o rádio constituiu um dos principais instrumentos de comunicação política durante a Era Vargas, desempenhando papel estratégico na mediação entre o governo e a sociedade e na difusão da imagem presidencial. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter histórico e discursivo, analisando elementos paralinguísticos presentes na transmissão, com o objetivo de compreender como esses recursos contribuíram para a construção e o fortalecimento da liderança política de Getúlio Vargas no contexto do Estado Novo.

Palavras-chave: Rádio; Era Vargas; Discurso Sonoro; Getúlio Vargas; Imagem política.

ABSTRACT

This study investigates the role of radio in the construction of the presidential image of Getúlio Dornelles Vargas, focusing on the special edition of the program *A Hora do Brasil*, entitled *Hora da Independência* (*The Hour of Independence*), which portrays the celebrations of Brazil's Independence Day on September 7, 1942. The research is based on the premise that radio was one of the principal instruments of political communication during the Vargas Era, playing a strategic role in mediating the relationship between the government and society and in disseminating the presidential image. Adopting a qualitative approach with historical and discourse-oriented perspectives, the study analyzes the paralinguistic elements present in the broadcast in order to understand how these resources contributed to the construction and consolidation of Vargas's political leadership within the context of the Estado Novo.

Keywords: Radio; Vargas Era; Audio Discourse; Getúlio Vargas; Political image.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Diário Carioca	53
Figura 2 - Destaque da notícia sobre o pronunciamento de Getúlio Vargas	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. RÁDIO E POLÍTICA	11
2.1 Era Vargas	15
2.2 Comunicação no Estado Novo	19
3 PROCESSOS METODOLÓGICOS	25
4 DISCURSO POLÍTICO	29
5 DISCURSO SONORO	34
5.1 Ambiente Sonoro	38
5.2 Locutor	53
5.3 Discurso de Vargas	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

1. INTRODUÇÃO

Em um contexto em que as plataformas digitais ocupam cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas, o rádio brasileiro segue reafirmando sua importância no ecossistema midiático ao registrar um alcance médio de 79% da população que vive nas principais regiões metropolitanas do país, com um período de consumo de quase quatro horas diárias entre os ouvintes (Kantar Ibope Media, 2025). Igualmente, o meio lidera o índice de confiança, sendo referência de credibilidade para 81% do público (Valor Econômico, 2025). A manutenção dessa relevância ao longo das décadas está diretamente vinculada à capacidade de adaptação do rádio ao cenário contemporâneo. Fonte de informação, entretenimento e educação, sua linguagem de fácil entendimento e sua portabilidade permitem que ele seja um companheiro para diferentes públicos durante as mais diversas atividades cotidianas, adequando-se tanto às rotinas mais intensas dos grandes centros urbanos quanto comunidades rurais e localidades mais afastadas, atendendo às demandas locais.

Neste contexto, compreendemos que, embora a expansão da conectividade e das tecnologias digitais tenha ampliado o acesso à informação em diferentes regiões nos últimos anos, o rádio continua desempenhando um papel relevante na comunicação política, especialmente por sua proximidade com a audiência, pelo baixo custo de acesso e por não exigir um nível de letramento mais complexo para a compreensão de seu conteúdo, mantendo-se como o mais democrático dos meios de comunicação. Portanto, essas e outras características o tornam estratégico em um país com dimensões continentais e realidades tão díspares, como o Brasil.

Como tema, a política faz parte do conjunto de pautas que integram a cobertura informativa no rádio, que por sua vez, é uma obrigatoriedade estabelecida pelo artigo 38 da Lei nº 4.117 do Código Brasileiro de Telecomunicações, que data de 27 de agosto de 1962. O texto estabelece diretrizes fundamentais ao exigir a permanência de conteúdos noticiosos e educativos na programação radiofônica. No âmbito específico da informação política, a referida legislação determina que as emissoras de radiodifusão sonora devem:

Retransmitir, diariamente, no horário compreendido entre as dezenove horas e as vinte e duas horas, exceto aos sábados, domingos e feriados, o programa oficial de informações dos Poderes da República, ficando reservados sessenta minutos ininterruptos, assim distribuídos: vinte e cinco minutos para o Poder Executivo, cinco minutos para o Poder Judiciário, dez minutos para o Senado Federal e vinte minutos para a Câmara dos Deputados (Brasil, 1962).

Em períodos eleitorais, conforme a Lei nº 9.504, de setembro de 1997, as emissoras de

rádio devem ainda conceder horário gratuito para que partidos, federações e coligações veiculem propaganda eleitoral obrigatória.

Essa aproximação entre o rádio e a política, entretanto, não é recente. No Brasil, o primeiro presidente da República a utilizar esse meio de comunicação foi Epitácio Pessoa, em setembro de 1922, durante as comemorações do Centenário da Independência (Modesto, 2009). Posteriormente, diversos outros presidentes e líderes políticos, como Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, Leonel Brizola, José Sarney, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, também recorreram ao rádio como instrumento de comunicação direta com a população, aproveitando seu amplo alcance e sua capacidade de influenciar a opinião pública.

Embora essa utilização tenha se iniciado na década de 20, foi durante o governo de Getúlio Vargas que o rádio passou a ocupar uma posição institucionalizada na comunicação política do Estado. Em 1930, após o golpe que depôs Washington Luís e encerrou a chamada República Velha, Vargas assumiu o poder, inaugurando um período dividido em três fases: o Governo Provisório (1930–1934), o Governo Constitucional (1934–1937) e o Estado Novo (1937–1945). Ao longo desses anos, consolidou um projeto político centralizador, marcado pela valorização da identidade nacional, pelo fortalecimento da máquina estatal e pela aproximação simbólica entre o governo e as massas trabalhadoras urbanas. Nesse período de expansão da radiodifusão e de crescente utilização dos meios de comunicação de massa, foi criado, em 1935, o programa radiofônico inicialmente denominado *Programa Nacional* e, posteriormente, *A Hora do Brasil*, concebido para divulgar as ações e as políticas do governo federal e reforçar a imagem pública do presidente.

É nesse contexto histórico de utilização do rádio como instrumento de comunicação governamental que se insere o objeto empírico desta pesquisa. Mais especificamente, será utilizado o programa radiofônico de 7 de setembro de 1942, denominado *Hora da Independência*, no qual o locutor narra as comemorações da Independência do Brasil e, ao mesmo tempo, introduz o discurso do presidente Vargas. A escolha desse episódio justifica-se por sua relevância como efeméride nacional e pela participação direta de Getúlio em seu pronunciamento, o que possibilita analisar tanto a atuação do locutor quanto o discurso presidencial, observando como os elementos sonoros foram empregados para fortalecer a imagem do presidente por meio do rádio.

A análise deste episódio parte da compreensão de que os meios de comunicação e as estratégias discursivas, utilizadas pelo governo, contribuíram para a construção da imagem

pública de Vargas. Nesse sentido, Gomes (2007), afirma que a imagem pública não corresponde apenas à aparência física de um indivíduo, mas ao conjunto de informações, valores, atributos e características compartilhadas socialmente que contribuem para a formação da percepção coletiva sobre sua personalidade e atuação.

A imagem pública de um sujeito qualquer é, pois, um complexo de informações, noções, conceitos, partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam. Imagens são concepções caracterizadoras. Em primeiro lugar, as noções que essas concepções coletivas contêm se referem à propriedades estáveis que estruturam o sujeito, *éthe* no sentido aristotélico do termo, isto é, caráter. Chegamos a definição ou compreensão da personalidade, diz o filósofo, porque atribuímos os atos e expressões que vemos a uma disposição estável interior, porque as reconhecemos como suas marcas duradouras, literalmente, como o seu caráter. Para não nos enganarmos, não observamos os comportamentos e expressões eventuais, mas aqueles constantes, habituais. Em segundo lugar, essas noções são propriedades representacionais, no sentido teatral do termo, enquanto são aquelas que permitem a atribuição de um valor e um lugar narrativo ao sujeito. Caráter é um conjunto de atitudes, de pensamentos e de expressões. Dito de outro modo, essas propriedades não constituem apenas a identidade moral do sujeito, mas ao mesmo tempo a identidade psicológica do personagem do drama, a *dramatis persona*, a personalidade. Caracterizar, portanto, é estabelecer uma personalidade e uma personagem, uma forma de existência para fora, de existência representacional, de imagem (Gomes, 2007, p. 255 *apud* Bezerra, 2011, p. 70).

Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para a compreensão sobre a maneira como o rádio, especialmente por meio do programa *Hora da Independência*, foi utilizado como instrumento de comunicação política na construção da imagem presidencial de Getúlio Vargas durante o Estado Novo. A partir da análise dos elementos sonoros presentes na transmissão, pretende-se evidenciar como a linguagem radiofônica contribuiu para aproximar simbolicamente o presidente da população e reforçar representações associadas à sua liderança política. Para alcançar esse objetivo, o trabalho está organizado em capítulos que abordam a relação entre rádio e política, o contexto histórico da Era Vargas, os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e, posteriormente, a análise do discurso sonoro.

Além da relevância política do rádio e sua importância histórica, anteriormente comentadas, este estudo se justifica também como contribuição ao entendimento das produções sonoras atuais, que podem se apropriar dos recursos da linguagem sonora em sua construção discursiva. Ainda, trata-se de uma abordagem que evidencia uma preocupação com o desenvolvimento de estratégias de análise que considerem o som de forma mais complexa.

2. RÁDIO E POLÍTICA

No processo de construção da imagem pública e de aproximação com a sociedade, os meios de comunicação, especialmente o rádio, desempenham historicamente um papel central na mediação entre o político e a população. Para compreender essa relação, torna-se necessário retomar alguns acontecimentos. O ano de 1919 é considerado o marco inicial da radiodifusão no Brasil, quando o Rádio Club de Pernambuco realizou a primeira transmissão sonora à distância (ALCAR, 2019). Ainda entre as experiências pioneiras está a transmissão do discurso do presidente Epitácio Pessoa, realizado durante a Exposição do Centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922. No ano seguinte, o médico, antropólogo e educador Edgar Roquette-Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Na década de 1920, a transmissão radiofônica estava dando seus primeiros passos no Brasil. Nessa época, intelectuais defendiam utilizar o rádio exclusivamente como meio de propagar ciência e cultura. Logo, “para os entusiastas deste projeto, o rádio, assim utilizado, libertaria nossa população, dispersa pela imensidão do território nacional, das explicações lendárias e da ignorância.” (Coelho, 2014, p. 53).

Organizadas sob a forma de sociedades e clubes, as primeiras emissoras de rádio possuíam uma programação de caráter erudito e lítero-musical. Sua manutenção financeira dependia, sobretudo, das mensalidades pagas pelos associados, além do apoio financeiro concedido por entidades privadas (Haussen, 2001, p. 23). Os idealizadores da radiofonia brasileira concebiam o rádio como um instrumento capaz de impulsionar o desenvolvimento do país. Logo, nesse início, anos antes de sua consolidação como veículo comercial, o rádio era compreendido como um instrumento de educação e integração nacional.

Os diretores da Radio Sociedade do Rio de Janeiro (PRA2) e da Radio Club do Brasil (PRA3), por exemplo, concomitantemente, realizavam pesquisas na ABC, colaboravam com a organização da Associação Brasileira da Educação (ABE) e se dedicavam à implantação da radiofonia no Brasil. Era o caso de Edgard Roquette-Pinto, Álvaro Ozorio de Almeida, Manoel Amoroso Costa, Dulcídio Pereira e Ferdinando Labouriau (Coelho, 2014, p. 53).

No início da década de 1930, mais de dez anos após as primeiras transmissões radiofônicas no país, o então presidente Vargas sancionou os Decretos nº 20.047, de maio de 1931, e nº 21.111, de março de 1932, que autorizaram a veiculação de propagandas comerciais pelas emissoras, limitando-as a 10% do tempo total da programação. Em 1934, esse percentual foi ampliado para 20% (Santos, 2014).

Essa mudança na regulamentação do rádio representou um marco no processo de transformação do meio, que gradualmente deixou de ser restrito ao caráter educativo e cultural das primeiras emissoras para incorporar uma lógica comercial. A inserção da publicidade ao rádio, aliada ao crescimento da comercialização de aparelhos receptores e à expansão das tecnologias de transmissão, contribuiu para que esse meio de comunicação ocupasse uma posição de destaque no cenário nacional ao longo das décadas seguintes (Memorial da Democracia). Nesse contexto, a marchinha de carnaval Ge-Gê (Seu Getúlio), lançada em 1931, exaltava a figura de Getúlio Vargas e, ao mesmo tempo, evidenciava o rádio como um importante instrumento de transformação e difusão da cultura e da comunicação.

Só mesmo com revolução
Graças ao rádio e ao parábélum,
Nós vamos ter transformação
Neste Brasil verde-amarelo
Gê, é, gé – Gé!
Tê, u, tu – tu!
Ele, i – ó!
Getúlio!
(Lamartine Babo)

A partir de 1930, o rádio passou a ser reconhecido pelo governo como um importante instrumento de influência política e ideológica. Durante o governo de Getúlio Vargas, esse meio de comunicação foi incorporado à estratégia estatal com o propósito de difundir a ideia de unidade nacional e fortalecer uma conciliação entre as classes sociais (Santos, 2014). Assim, em 1935, o governo determinou que as emissoras reservassem um horário oficial para a transmissão d'*A Hora do Brasil*. Exibido diariamente, o programa tinha como finalidade divulgar informações de interesse do governo, além de difundir valores, princípios e ideias que sustentavam o projeto político e ideológico do Estado varguista (Santos, 2014).

Esse processo de utilização política do rádio foi intensificado durante o Estado Novo, especialmente após a substituição do Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939. A criação do DIP ampliou o controle estatal sobre os meios de comunicação e tornou mais eficiente a disseminação da ideologia do regime (Jambeiro, 2004). Nesse contexto, foi instituído o Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, que atribuiu ao órgão a responsabilidade de coordenar as ações de propaganda oficial, tanto no âmbito interno quanto externo, além de conceder ao governo poderes de censura sobre o teatro, o cinema, as atividades recreativas e esportivas, a

radiodifusão, a literatura e a imprensa (Jambeiro, 2004).

Em 1946, após o fim do Estado Novo, o programa passou a se chamar *A Voz do Brasil*, com o objetivo de desvincular-se da imagem de Getúlio Vargas. Empresários pressionaram o presidente Eurico Gaspar Dutra para extinguir o programa; entretanto, ele foi reformulado e passou a destinar dez minutos de sua programação às informações do Congresso Nacional (Amarante, 2021).

Com o retorno de Getúlio à Presidência da República, em 1950, o programa voltou a ser utilizado como instrumento de divulgação do projeto nacional-desenvolvimentista. Após seu suicídio, em 24 de agosto de 1954, a Carta-Testamento foi transmitida pelo programa, e, na sequência, os proprietários de emissoras retomaram a defesa pelo fim de *A Voz do Brasil*. O sucessor de Vargas, João Café Filho, chegou a decretar sua extinção, mas revogou a medida posteriormente, ao necessitar utilizar o programa para a realização de um pronunciamento oficial. Depois, durante o governo de Juscelino Kubitschek, o programa continuou sendo utilizado como meio de divulgação das ações governamentais, especialmente na apresentação do Plano de Metas (Amarante, 2021).

Com o fim do governo de JK, em 1961, ocorreu um episódio emblemático da relação entre rádio e política no Brasil. Após a renúncia do presidente Jânio Quadros, o vice-presidente João Goulart deveria assumir a Presidência da República. No entanto, como Goulart estava no exterior no momento da renúncia de Jânio Quadros, os militares impediram sua posse. Em resposta, o então governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, utilizou o rádio para denunciar a tentativa de golpe e convocar a população à resistência (Santos, 2014).

Como as rádios Difusora e Farroupilha haviam sido fechadas pelo governo federal, porque divulgaram os manifestos de Brizola, a Guaíba, que ainda estava no ar, “teve seus estúdios transferidos para o Palácio Piratini e seus transmissores, na Ilha da Pintada, passaram a ser vigiados por 200 homens da Brigada Militar” (Ferreira, 1997, p. 6)¹. Assim foi instituída a Cadeia da Legalidade, cuja programação era retransmitida por cerca de 150 outras emissoras de todo o país e até do exterior, por ondas curtas (Santos, 2014, p. 5).

Percebe-se, que não foi somente durante o Estado Novo que os meios de comunicação sofreram com a censura. Durante a Ditadura Militar, instaurada em 1964, jornalistas e radialistas foram perseguidos, e as emissoras de rádio permaneceram sob forte controle do regime, sendo obrigadas a silenciar vozes contrárias (Prata; Bianco; Farias, 2024). Segundo

¹ Citação refere-se à obra FERREIRA, Jorge. A legalidade traída: os dias sombrios de agosto e setembro de 1961. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 149-182, 1997.

Abreu (2024), jornalista e professor que vivenciou a censura durante a Ditadura Militar, além da proibição de noticiar determinados fatos, existia também a metacensura, conceito que se refere à orientação dada aos meios de comunicação para que ignorassem a própria existência da censura nos veículos. Abreu relata que, em 1972, durante o governo Médici, os jornais receberam um conjunto de recomendações denominado Regras Gerais de Censura, que reunia as principais orientações impostas pelos órgãos censores. A seguir, são apresentadas as regras, nomeadas por ele de "Os 8 Mandamentos da Censura":

1. Inconformidade com a censura de livros, periódicos, jornais e diversões; 2. Campanhas visando à revogação dos atos institucionais, nomeadamente do Ato Institucional nº 5; 3. Contestação ao regime vigente. Difere de oposição, que é legal; 4. Notícias sensacionalistas que prejudicam a imagem do Brasil, tendentes a desnaturar as vitórias conquistadas pelo Brasil; 5. Campanha de descrédito à Política Habitacional, Mercado de Capitais e outros assuntos de vital importância para o Governo; 6. Assaltos a estabelecimentos de créditos e comerciais, acompanhado de abundante noticiário, instrutivo e exemplificativo, em sentido negativo; 7. Tensão entre a Igreja Católica e o Estado e agitação nos meios sindicais e estudantis; 8. Ampla publicidade sobre nações comunistas e pessoas do mundo comunista (Abreu, 2024, p. 119-120).

Durante a Ditadura Militar, *A Voz do Brasil* passou a ser produzida pela Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP) e foi utilizada como instrumento de comunicação governamental para legitimar o regime. Em razão da censura imposta aos meios de comunicação, as informações veiculadas pelo programa oficial serviam como referência para os demais veículos de imprensa (Amarante, 2021).

Mesmo após o fim do regime militar, o rádio permaneceu como um importante canal de comunicação entre a Presidência da República e a população, sendo incorporado por diferentes governos com objetivos e formatos distintos. Além da continuidade de *A Voz do Brasil*, outros programas radiofônicos foram criados por presidentes da República como estratégia de comunicação com a sociedade.

Destaca-se *Conversa ao Pé do Rádio*, de José Sarney, transmitido às sextas-feiras. Nele, o presidente utilizava o rádio para explicar as iniciativas do governo e buscar apoio popular (Ferreira, 2007). Posteriormente, Fernando Henrique Cardoso lançou o programa *Palavra do Presidente*, transmitido às terças-feiras, por meio do qual “buscava a publicidade contínua de boas iniciativas governamentais, por meio da conversa informal e amiga” (Ferreira, 2007, p. 12).

Continuando essa estratégia de comunicação direta com a população, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva criou o programa *Café com o Presidente*, inspirado no modelo adotado por

Fernando Henrique Cardoso. Lançado em 17 de novembro de 2003, inicialmente com edições quinzenais de seis minutos, o programa tinha como objetivo estabelecer um canal de comunicação popular, utilizando uma linguagem simples para apresentar as ações da administração (Dancur, 2009). No último episódio, que foi ao ar em dezembro de 2010, Lula aconselhou sua sucessora a manter a produção, afirmando que o “programa que tem tido um êxito extraordinário. Muitas das coisas que nós falamos aqui repercutem na televisão, à noite” (Geledés, 2011). Ao assumir o governo brasileiro, em 2011, Dilma Rousseff manteve o programa adaptando o nome para *Café com a presidenta*.

A trajetória do rádio na comunicação política brasileira evidencia que esse meio ultrapassou sua função educativa e cultural para consolidar-se, também, como um instrumento estratégico de aproximação entre os governantes e a população. Desde as primeiras transmissões presidenciais, passando pela institucionalização promovida no governo Vargas, pela utilização durante a Ditadura Militar e pelas diferentes iniciativas adotadas no período democrático, o rádio foi continuamente ressignificado conforme os interesses e as estratégias de comunicação de cada governo.

2.1 Era Vargas

Com a deposição de Washington Luís, decorrente do rompimento da política do café com leite, que culminou na chamada Revolução de 1930², Getúlio Dornelles Vargas ascendeu ao poder em 3 de novembro daquele ano. Paralelamente, o cenário internacional assistia à ascensão de regimes autoritários, como o nazismo de Adolf Hitler, na Alemanha, o fascismo de Benito Mussolini, na Itália, e a ditadura de António de Oliveira Salazar, em Portugal.

Nos Estados Unidos, a superprodução industrial e a intensa especulação financeira resultaram na Grande Depressão de 1929, que levou inúmeras famílias ao desemprego e à falência, provocando uma drástica retração do comércio mundial. O Brasil, exportador de café para os Estados Unidos, foi diretamente afetado pela quebra da Bolsa de Nova York. Com a crise, o preço do produto brasileiro sofreu queda significativa, exigindo a reestruturação da economia interna do país.

Foi nesse contexto de crise econômica e instabilidade política que Getúlio Vargas

² Embora historicamente denominada revolução, tratou-se de um golpe de Estado cívico-militar, que depôs o presidente em exercício e impediu a posse do então presidente eleito, Júlio Prestes.

assumiu a Presidência da República. Em seu discurso de posse, apresentou um plano de reconstrução nacional, "que previa o aumento da produção nacional, organização do trabalho, representação por classe, saneamento e educação." (Mustafá, 2014, p. 131). Com o objetivo de conferir sustentação jurídica ao Governo Provisório, foi publicado, em 11 de novembro, o Decreto nº 19.398, que estabelecia que o governo provisório poderia exercer "discrecionariamente, em toda sua plenitude, as funções e atribuições, não só do Poder Executivo, como também do Poder Legislativo, até que, eleita a Assembleia Constituinte, estabeleça esta a reorganização constitucional do país" (Câmara dos Deputados, decreto nº 19.398). Na sequência, continuando as reformas administrativas, o governo instituiu, em 14 de novembro, o Ministério da Educação e Saúde Pública e, duas semanas depois, em 28 de novembro, criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (Mustafá, 2014).

As reformas implementadas pelo Governo Provisório se estenderam ao campo econômico, refletindo a necessidade de enfrentar os impactos da crise de 1929 e reorganizar a estrutura produtiva do país. Embora a elite cafeeira ainda detivesse expressivo poder econômico, Vargas instituiu, em 1931, o Conselho Nacional do Café, com o propósito de regular a atividade comercial do setor. Além dessa medida, ao longo da Era Vargas, o Estado ampliou sua atuação na economia como estratégia para impulsionar o processo de industrialização do país. Em resposta aos efeitos da Grande Depressão, o Governo adotou políticas voltadas à promoção do desenvolvimento econômico, buscando estruturar um modelo capaz de fortalecer a indústria nacional, ampliar a geração de empregos e estimular o crescimento da renda. Para que esse projeto se consolidasse, era necessário investir na formação de uma indústria de base e de infraestrutura que sustentasse a expansão do setor industrial. Anos mais tarde, já durante o segundo governo Vargas (1951–1954), foi criada, em 1953, a Petrobrás, considerada um dos principais marcos da política nacional de desenvolvimento econômico (Soares; Berni; Manduca, 2012).

Paralelamente às transformações econômicas e ao fortalecimento da atuação do Estado, o governo também passou a investir na construção de uma identidade nacional por meio da cultura e da comunicação. Dessa forma, em 1932, Vargas autorizou, por meio do Decreto-Lei nº 12.111, a veiculação de propagandas comerciais nas emissoras, limitada a 10% do tempo de transmissão. Foi nesse período que o rádio deixou de ter um caráter predominantemente erudito, educativo e cultural, passando a se consolidar como um meio de comunicação voltado ao entretenimento, ao lazer e à diversão popular (Jambeiro, 2004).

A mudança no modelo de financiamento das emissoras foi decisiva para esse processo

de transformação. A autorização para a veiculação de publicidade possibilitou o ingresso de investimentos privados, contribuindo para a ampliação e a popularização do rádio. A partir desse momento, instaurou-se a concorrência no mercado radiofônico, e as emissoras passaram a se afastar de sua finalidade prioritariamente educativa. Essa nova fase permitiu a geração de lucros, que passaram a ser reinvestidos na programação e na qualidade técnica dos conteúdos. A liberação da publicidade marcou a profissionalização do meio radiofônico e deu início à chamada “Era de Ouro” do rádio, que se estendeu até a década de 1950.

Vargas foi o primeiro político brasileiro a perceber a capacidade de alcance do rádio em um país com a dimensão do Brasil. Assim como Roquette Pinto, pioneiro que na década de 20, ao colocar no ar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, defendia o uso educativo-cultural para o veículo, Vargas sabia que o rádio era capaz de chegar aos lugares mais distantes do país, para um público em grande parte formado por analfabetos. Por isso, elaborou um modelo de difusão para o rádio enquanto esteve no poder, instituindo leis que regulamentavam a publicidade e a programação radiofônica (Moreira, 1998, p. 15).

A inserção da publicidade na programação, em 1932, possibilitou o surgimento dos programas de variedades, que conquistaram grande audiência e transformaram o rádio em um importante fenômeno social. O alcance desses programas ampliou sua capacidade de influenciar os hábitos da população. Além disso, o patrocínio de empresas, como o Laboratório Queirós, contribuiu para projetar artistas que mais tarde se tornariam referências da música brasileira, entre eles Carmen Miranda, Mário Reis, Francisco Alves, Lamartine Babo, Almirante e Noel Rosa (Jambeiro, 2004).

Enquanto o rádio se consolidava como um meio de comunicação de massa e ampliava sua influência sobre a sociedade brasileira, o país enfrentava um período de intensas transformações políticas. Em 1932, ocorreu a Revolução Constitucionalista, que teve origem nas divergências entre o governo de Getúlio e os grupos políticos paulistas após a Ruptura de 1930. A centralização do poder pelo Governo Provisório, a suspensão das atividades legislativas e a nomeação de interventores federais para os estados geraram forte insatisfação em São Paulo, onde cresciam as reivindicações pela convocação de uma Assembleia Constituinte e pela elaboração de uma nova Constituição (Ribeiro, 2012).

As tensões se intensificaram em 23 de maio de 1932, quando confrontos entre manifestantes e apoiadores do governo resultaram na morte de quatro jovens: Mário Martins de Almeida, Euclides Bueno Miragaia, Dráusio Marcondes de Souza e Antônio Américo de Camargo Andrade. As letras de seus nomes deram origem ao movimento MMDC, que passou a representar a luta constitucionalista (Ribeiro, 2012).

Na mesma noite, um grupo de estudantes invadiu os estúdios da Rádio Record, em São Paulo, e divulgou um manifesto que marcou o uso do rádio como instrumento de contestação ao Governo Provisório: “Nós, os abaixo-assinados, declaramos que invadimos a Valentona, os estúdios da Rádio Record, e conclamamos o povo para que se mude a situação política existente no Brasil”. O proprietário da emissora, Paulo Machado de Carvalho, aderiu ao movimento, e a Rádio Record passou atuar como porta-voz da Revolução Constitucionalista (Moreira, 1998).

A emissora desempenhou um papel relevante na mobilização da população paulista. Nesse contexto, o locutor César Ladeira tornou-se uma das principais vozes do movimento ao apresentar boletins transmitidos diariamente entre duas e quatro horas da manhã, nos quais incentivava o apoio à causa constitucionalista e encerrava suas mensagens com um apelo pela saída de Getúlio Vargas do poder. Além da atuação na divulgação das ideias do movimento, a Record promoveu a campanha "Doe ouro para São Paulo" e coordenou uma rede de emissoras paulistas destinada à difusão da propaganda favorável à Revolução Constitucionalista (Fundação Getúlio Vargas, s.d.). Outra emissora que também se destacou durante o movimento foi a Rádio Cruzeiro do Sul, que declarou apoio à causa constitucionalista e transmitia boletins em inglês e espanhol (Moreira, 1998).

Se o rádio da Nacional do Rio na década de 40 e 50 vendeu sabonetes, sabão, shampoo, cigarros, o rádio de São Paulo, em 32, vendeu a consciência nacional com movimento constitucionalista, vendeu o espírito de Constituição que se procura até hoje. Ali, o rádio funcionou como uma ponte entre ideias, manifestações e a população. (D'Ávila 1984, p. 27 *apud* Moreira, 1998, p. 24).

Pouco tempo depois, em 9 de julho, iniciou-se a revolta armada, com a ocupação de pontos estratégicos da capital paulista e a mobilização de militares e civis em defesa da constitucionalização do país. Os combates se estenderam por aproximadamente três meses, envolvendo milhares de soldados e voluntários, além da participação da população civil em atividades de apoio ao esforço de guerra (Ribeiro, 2012).

Após meses de confrontos e diante das dificuldades impostas pelo avanço das tropas federais, o movimento constitucionalista perdeu força. Em 2 de outubro de 1932, os constitucionalistas aceitaram a rendição diante da superioridade das tropas federais. Embora derrotado no campo militar, o movimento exerceu significativa pressão política sobre o governo. Como consequência, Vargas convocou eleições para a Assembleia Constituinte em 1933, culminando na promulgação da Constituição de 1934, que restabeleceu a ordem constitucional no Brasil (Ribeiro, 2012).

2.2 Comunicação no Estado Novo

O ano de 1934 assinala o término do governo provisório de Getúlio Vargas, quando foi eleito pelo Congresso Nacional, iniciando a fase constitucional de seu governo. Elaborada por uma Assembleia Nacional Constituinte, a Constituição de 1934 inaugurou uma nova organização jurídico-política no Brasil, baseada em princípios democráticos. Entre suas principais garantias estavam o voto direto e secreto, os direitos civis, a pluralidade sindical e a alternância no exercício do poder. Um de seus maiores avanços foi a ampliação dos direitos políticos das mulheres, que passaram, pela primeira vez, a ter o direito de votar e de se candidatar a cargos eletivos (ALESP, 2002).

Além das mudanças relacionadas à organização política e à ampliação dos direitos civis, a Constituição de 1934 também estabeleceu normas voltadas à regulamentação dos meios de comunicação. Com o objetivo de evitar influências estrangeiras sobre o conteúdo jornalístico nacional, a Constituição de 1934 determinava que as empresas responsáveis pela produção de conteúdo noticioso deveriam pertencer a brasileiros natos residentes no país. Tal medida visava incentivar a utilização da mão de obra nacional e impedir a interferência direta de outros países na imprensa brasileira (Jambeiro, 2004, p. 70).

Apesar dos avanços institucionais promovidos pela nova Constituição, o cenário político brasileiro permaneceu marcado por intensas disputas ideológicas e pelo aumento das tensões entre diferentes grupos políticos. Nesse contexto, em 1935, Vargas passou a demonstrar de forma mais evidente o caráter autoritário de seu governo. Diante do surgimento de movimentos políticos oposicionistas, como os integralistas; conservadores contrários à redistribuição de riquezas; e a Aliança Nacional Libertadora; de orientação comunista e defensora da reforma agrária; o presidente instituiu a Lei de Segurança Nacional. Essa legislação concedia ao governo o poder de punir indivíduos considerados criminosos políticos e ameaças à segurança pública. Pouco tempo depois, Vargas intensificou o controle sobre a opinião pública ao criar o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, órgão que posteriormente serviria de base para a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Ainda em 1935, após a Intentona Comunista (levante que buscava destituir Vargas do poder e instaurar um governo de orientação socialista), o presidente buscou reforçar seu domínio sobre a população. O uso da propaganda anticomunista tornou-se cada vez mais frequente como estratégia para conter movimentos oposicionistas e fortalecer sua autoridade

política. Esse cenário contribuiu para a criação de condições favoráveis à adoção de medidas mais autoritárias pelo governo.

Com a Constituição de 1934, os poderes presidenciais passaram a ser submetidos a novos limites, o que contrariava os interesses de Vargas. A proximidade das eleições presidenciais de 1938, com os candidatos já em campanha, aumentou a urgência de suas ações para permanecer no poder. Como justificativa para um golpe de Estado, foi divulgado, em setembro de 1937, o chamado Plano Cohen, um documento que apresentava um suposto plano de origem comunista para promover uma revolução no Brasil. A divulgação ocorreu em um contexto de forte temor anticomunista, intensificado pela Intentona de 1935, e contribuiu para criar um clima de instabilidade política. Apresentado pelo governo como uma prova concreta de ameaça iminente, o plano foi utilizado por Vargas para defender medidas excepcionais e justificar a concentração de poderes. Posteriormente, descobriu-se que o documento era falso, criado apenas como uma simulação de insurreição e utilizado como instrumento político para viabilizar a implantação do Estado Novo (Westin, 2016).

Com a ampla divulgação do Plano Cohen em 30 de setembro de 1937, inclusive pela Hora do Brasil, coagida pelo medo, a sociedade brasileira preparava-se para conviver com o Estado Novo. Assim, de forma surpreendente, apenas 24 horas depois de receber uma simples nota do Ministério da Justiça, a Câmara dos Deputados, por ampla maioria (2/3), concedeu o “estado de guerra”. Sabendo, inclusive, que as imunidades parlamentares seriam suspensas (Mezzaroba, 1992, p. 95).

Dessa forma, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas consolidou o golpe que lhe garantiu a permanência no poder por mais oito anos. Com o estado de guerra decretado, Vargas tinha o poder total em suas mãos e implantou no Brasil um regime ditatorial de caráter corporativista. Inspirado em princípios do fascismo, esse modelo atribuía ao Estado um papel predominante sobre os indivíduos e as demais instituições da sociedade, concentrando o poder nas mãos do governo (Jambeiro, 2004).

A consolidação desse novo regime exigiu também a criação de mecanismos capazes de legitimar o governo e aproximar a figura presidencial da população. Fortalecido pela nova ordem constitucional e investido de amplos poderes, Vargas adotou uma estratégia comum aos regimes autoritários das décadas de 1930 e 1940: a construção do culto à sua própria imagem. Esse processo de valorização e consolidação da figura do presidente foi conduzido principalmente pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, e pelo Ministério da Educação, responsáveis por promover a propaganda oficial e reforçar a legitimidade do Estado Novo perante a população. Sob a liderança de Gustavo Capanema, o

Ministério da Educação participou da construção da imagem de Getúlio Vargas, embora de forma menos intensa. Em contrapartida, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) desempenhou um papel muito mais expressivo na divulgação da ideologia do Estado Novo e na consolidação da propaganda oficial do regime (Jambeiro, 2004).

O DIP foi criado para centralizar e coordenar as ações relacionadas à informação e à propaganda política no âmbito do governo federal. O órgão tornou-se o principal responsável por integrar as atividades de censura, propaganda oficial e difusão da ideologia do Estado Novo, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Constituição vigente. Inspirado em modelos adotados por regimes autoritários europeus, o governo Vargas conferiu ao DIP uma posição estratégica, encarregando-o de promover a propaganda oficial, influenciar a opinião pública e fortalecer o consenso em torno do regime (Oliveira, 2025).

Um dos diferenciais desse Departamento em relação aos seus antecessores é a ligação direta ao gabinete do presidente Vargas. Dividido em diversos setores -a saber: Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Divulgação, Divisão de Turismo, Divisão de Radiodifusão e Divisão de Imprensa e Serviços Auxiliares o DIP tinha seu núcleo duro indicado diretamente por Vargas, demonstrando a importância conferida pelo governo à propaganda política naquele momento. Outro elemento que a estruturação do Departamento permite identificar é a forte centralização das decisões na mão de Getúlio, o que corrobora os elementos de culto ao líder e de promoção da imagem pessoal do “Pai dos Pobres” pelos veículos de comunicação e informação (Oliveira, 2025, p. 29).

Nesse contexto, entre os meios de comunicação utilizados, o rádio ocupou uma posição de destaque por sua ampla capacidade de alcance, chegando tanto aos grandes centros urbanos quanto às áreas rurais, onde vivia uma parcela significativa da população. As mensagens eram transmitidas por aparelhos domésticos e por alto-falantes instalados em espaços públicos, ampliando o acesso às informações oficiais. Dessa forma, além de divulgar as ações do presidente, o rádio contribuiu para a integração política e cultural do país, reduzindo as diferenças regionais e reforçando o projeto nacionalista promovido pelo Estado Novo (Mustafá, 2014).

A propaganda política desempenhou um papel central na formação da opinião pública e na influência sobre o comportamento da população. Utilizando o rádio, os jornais, os pronunciamentos oficiais e as grandes cerimônias de celebração, o regime buscava fortalecer os vínculos entre o governo e a sociedade. Com essa estratégia, pretendia conquistar o apoio dos brasileiros, consolidar sua permanência no poder e conferir legitimidade às medidas adotadas pelo Estado (Oliveira, 2025).

É também no Estado Novo, pelo decreto-lei nº 1.915, de 27 de novembro de 1939, que é organizado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para ‘exercer a censura sobre todos os meios de comunicação’. O novo órgão ficou subordinado ao presidente. A sede ficava no Rio de Janeiro, mas havia 21 representações, estruturadas para cada estado existente naquele período (Mustafá, 2014, p. 39).

A partir do trabalho de Tania Regina De Luca (2011) sobre a produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Izani Mustafá (2014) afirma que é possível que o órgão financiasse a publicação de textos que apresentassem o governo de forma favorável. Grande parte das obras publicadas pelo DIP possuía um viés educacional, abordando temas relacionados à nacionalidade e às ações “positivas” da União. Segundo as pesquisas de De Luca, não é possível determinar com precisão o orçamento destinado pelo departamento à produção de programas de rádio, livros, jornais, revistas, cartazes e folhetos favoráveis ao governo, uma vez que, devido à centralização do poder, não existia um órgão para fiscalizar conjuntamente o Tribunal de Contas da União e o DIP (Mustafá, 2014).

Entre os principais meios utilizados para difundir esse projeto de comunicação e propaganda, destacou-se a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, cuja incorporação ao aparato estatal ampliou significativamente o alcance das mensagens do governo. Estatizada em março de 1940, a emissora tornou-se um importante instrumento de comunicação do Estado Novo. Sua programação era predominantemente voltada para temas nacionais, destacando o Brasil em programas musicais, humorísticos e de entretenimento. Considerada uma das cinco rádios mais potentes do mundo, a Rádio Nacional consolidou-se como o principal veículo de difusão da ideologia do regime. Por meio de sua ampla cobertura e alcance, contribuiu para divulgar as ações do governo e fortalecer a propaganda oficial junto à população brasileira (Moreira, 1998). Como afirma Othon Jambeiro:

O modelo de funcionamento do rádio foi então estabelecido ao estilo brasileiro: severo controle do conteúdo, particularmente notícias; implantação de algumas emissoras estatais, a exemplo da Rádio Nacional, e estímulo ao desenvolvimento de emissoras comerciais (Jambeiro, 2004, p. 13-14).

A fim de expressar o ideário getulista, o governo criou, em 1935, o programa *A Hora do Brasil*. Sua abertura, marcada pela execução da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, tornou-se um símbolo do programa, cuja principal finalidade era divulgar as ações e realizações do governo. Foi por meio d’*A Hora do Brasil* que, em 23 de novembro de 1935, Vargas realizou um pronunciamento em rede nacional para alertar a população sobre a suposta ameaça representada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL). Com esse discurso, o presidente

procurava convencer a opinião pública de que o governo precisava agir para impedir uma alegada conspiração comunista que colocaria em risco a estabilidade do país (Moreira, 1998). Posteriormente, conforme discutido antes, *A Hora do Brasil* também foi utilizada para divulgar o chamado Plano Cohen, contribuindo para a difusão da narrativa oficial que legitimou a instauração do Estado Novo.

O programa ficou sob a responsabilidade de Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Atuando como um dos principais meios de divulgação das ações do governo, a produção tornou-se um importante instrumento de comunicação institucional. Ao longo de sua trajetória, contou com diferentes apresentadores, entre os quais se destacou Luiz Jatobá, cuja voz se tornou um dos símbolos do programa por ter conduzido a primeira transmissão, em 22 de julho de 1935.

Com a consolidação do Estado Novo e o fortalecimento dos mecanismos de controle e propaganda governamental, o programa passou por mudanças que ampliaram sua importância como ferramenta de comunicação oficial. Durante esse período, o programa *Hora do Brasil* passou a se chamar *A Voz do Brasil*, e sua transmissão tornou-se obrigatória em todas as emissoras de rádio do país durante os dias úteis. O programa era transmitido das 18h45 às 19h30 nas emissoras de ondas médias, e das 19h30 às 19h45 nas emissoras de ondas curtas. Além de informar sobre as ações do governo, o programa foi utilizado em diversas ocasiões para a veiculação de pronunciamentos oficiais de Getúlio Vargas, funcionando como um importante instrumento de comunicação entre o presidente e a população (Silva; Rodrigues; Farias, 2012).

Entretanto, apesar da relevância política assumida pelo programa durante o Estado Novo, é importante destacar que o uso do rádio pelo governo Vargas não se restringiu exclusivamente à propaganda oficial e à divulgação de conteúdos ideológicos. Embora existissem mecanismos de censura e controle sobre os meios de comunicação, a programação radiofônica, incluindo *A Hora do Brasil*, apresentava uma variedade de conteúdos, não se limitando à divulgação das ações governamentais e dos princípios defendidos pelo regime (Moura, 2009).

No contexto da Era Vargas, destaca-se a expansão da radiodifusão no Brasil, processo que culminou na chamada Era de Ouro do rádio. Esse crescimento pode ser observado no aumento do número de estações de radiodifusão no país. Conforme registrado por Moreira (1998), ao reproduzir um discurso do diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o Brasil contava com apenas 17 emissoras em 1930, número que alcançou 80 em 1941.

O DIP foi extinto no mesmo ano que o Estado Novo, encerrando uma organização de

comunicação oficial que havia alcançado diferentes setores da sociedade brasileira. Segundo a historiadora Elizabeth Abel, em entrevista ao jornal *O Globo*, o departamento possuía uma ampla estrutura de propaganda, cuja dimensão e abrangência não voltaram a ser reproduzidas no país, mesmo diante do surgimento de novos meios de comunicação, como a internet. Embora tenha sido uma experiência bem-sucedida do ponto de vista de sua capacidade de difusão, o aparato foi utilizado negativamente (KAPA, 2014).

Contudo, com o fim da Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela derrota das potências fascistas e pela vitória das nações democráticas, o Estado Novo passou a perder legitimidade. A rendição da Alemanha e do Japão tornou insustentável a manutenção de uma ditadura no Brasil, especialmente considerando que soldados brasileiros lutavam no exterior em defesa da democracia. Nesse cenário, os Estados Unidos, como principal potência mundial, passaram a enxergar o regime varguista como uma ameaça devido ao seu nacionalismo exacerbado, que comprometia tratados políticos e econômicos. A pressão internacional e interna pela redemocratização culminou, em 1945, na saída de Getúlio do poder, encerrando o primeiro governo varguista.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter histórico e discursivo, por buscar compreender como a linguagem radiofônica foi empregada na construção da imagem política presidencial de Getúlio Dornelles Vargas durante o Estado Novo. O objeto de análise consiste na edição especial do programa *A Hora do Brasil*, intitulada *Hora da Independência*, transmitida em comemoração ao 7 de Setembro de 1942.

A escolha desse corpus fundamenta-se no entendimento de que, a partir da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, o programa *A Hora do Brasil* passou a integrar a política oficial de comunicação do Estado Novo. Criado com a finalidade de coordenar a propaganda governamental e difundir os princípios ideológicos do regime, o DIP utilizou o rádio como um de seus principais instrumentos de legitimação política. Assim, parte-se do pressuposto de que o programa passou a desempenhar um papel estratégico na comunicação institucional do governo, contribuindo para a consolidação da liderança de Getúlio Vargas e para a mediação simbólica entre o presidente e a população.

A seleção do episódio *Hora da Independência* ocorreu a partir de critérios previamente definidos. O primeiro deles foi a disponibilidade de registros sonoros preservados, condição indispensável para a realização da análise. Em seguida, considerou-se a centralidade da participação presidencial, uma vez que Vargas nem sempre realizava pronunciamentos nas edições do programa. Desse modo, optou-se por um episódio em que sua fala ocupa posição de destaque. Também foi considerada a duração da transmissão, de 1 hora e 24 minutos, fator que possibilita uma análise mais ampla da organização discursiva e sonora do programa.

Outro aspecto que justificou a escolha do corpus foi sua relevância histórica. O episódio registra as comemorações da Independência do Brasil em 1942, período em que o país havia ingressado recentemente na Segunda Guerra Mundial e em que o Estado Novo intensificava o controle sobre os meios de comunicação. Trata-se, portanto, de uma efeméride nacional utilizada pelo governo para reforçar valores patrióticos.

O material analisado foi obtido por meio do acervo digital da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Após a escuta integral da gravação, realizou-se a transcrição do áudio com o auxílio da plataforma *TurboScribe*. Posteriormente, o texto foi submetido à revisão manual, com correções de pontuação, segmentação e conferência das palavras reconhecidas automaticamente. Contudo, é importante ressaltar que, em razão das limitações tecnológicas das gravações radiofônicas da década de 1940, alguns trechos apresentam baixa qualidade sonora, o que

impossibilita a identificação precisa de determinadas palavras e de sons das manifestações populares, podendo ocasionar imprecisões pontuais na transcrição.

Além da análise do corpus, considerou-se o contexto histórico, político e comunicacional abordado no capítulo anterior, compreendendo que a linguagem radiofônica é indissociável das condições sociais e institucionais em que é produzida. Nesse sentido, a interpretação dos dados foi realizada à luz dos estudos sobre discurso político e análise do discurso, tomando como referências autores como Patrick Charaudeau (2011), Michel Pêcheux (2002) e Eni Orlandi (2007; 2023), cujos pressupostos teóricos subsidiam a compreensão dos mecanismos discursivos empregados na construção da imagem pública presidencial.

Para a análise do discurso sonoro, fundamentou-se a pesquisa no conceito de Formação Sonora, proposto por Lopez e Oliveira-Lopes (2024), adotado como referencial metodológico. Segundo os autores, a produção de sentidos em produtos radiofônicos não depende exclusivamente do conteúdo verbal, mas também de elementos próprios da linguagem sonora, como a corporeidade da voz e as formas de falar, a montagem sonora, as propriedades físicas do som e a linguagem radiofônica.

Nesse sentido, foram analisados recursos como a performance vocal, a entonação, a intensidade, o ritmo, as pausas, o silêncio e as demais características da linguagem radiofônica, à luz das contribuições de Balsebre (2005), Meditsch (2001), Spritzer (2005) e Kochhann (2024). Além disso, considerou-se a paisagem sonora da transmissão, composta por aplausos, manifestações do público, músicas e demais sons do ambiente, compreendidos como elementos produtores de sentido a partir das reflexões de Schafer (2001) e Balsebre (2005). Desse modo, buscou-se compreender como a articulação entre esses diferentes recursos sonoros contribui para a construção da imagem de Getúlio Vargas ao longo da transmissão radiofônica.

A partir desses pressupostos, a análise foi organizada considerando os diferentes momentos que compõem a transmissão, uma vez que a forma de construção narrativa se modifica ao longo do programa. Nesse sentido, a transmissão pode ser dividida em quatro momentos distintos, considerando as mudanças na função da locução, na organização sonora e na presença da figura presidencial.

O primeiro momento corresponde à introdução das festividades do 7 de Setembro e à apresentação do contexto político da época. Nesse trecho, o locutor apresenta a programação da cerimônia realizada no Estádio de São Januário, transmitida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e relaciona as comemorações da Independência à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. A guerra é apresentada como consequência de uma agressão sofrida

pelo país, especialmente pelos ataques de submarinos do Eixo contra navios brasileiros, descritos como atos de covardia que justificariam a declaração de guerra. Além disso, o locutor enfatiza o sentimento patriótico da população, a união nacional em torno do conflito e a capacidade do governo Vargas de mobilizar a sociedade. Nesse momento, também são destacados acontecimentos considerados relevantes para a construção da narrativa oficial, como a visita do general argentino Agustín Justo, apresentada como símbolo de apoio internacional ao Brasil e de prestígio do governo brasileiro.

O segundo momento inicia-se com a chegada do presidente ao Estádio do Vasco da Gama, narrada pelo locutor em tempo real. Diferentemente do trecho inicial, marcado por uma apresentação mais planejada, essa parte apresenta características de uma narração simultânea aos acontecimentos, com expressões como “neste momento” e “aproxima-se agora”. A locução enfatiza constantemente os aplausos, as manifestações de carinho e o entusiasmo da multidão, construindo uma representação de ampla aceitação popular em torno de Getúlio. Além disso, o uso de denominações como “Sua Excelência”, “chefe da nação” e “presidente da República” reforça simbolicamente a autoridade de Vargas. Ao final desse momento, o locutor prepara a transição para o pronunciamento presidencial por meio da repetição da expressão “Atenção brasileiros!” e do anúncio solene: “Vai falar o chefe da nação”.

O terceiro momento corresponde ao discurso de Vargas. Nessa etapa, a função narrativa deixa de estar concentrada no locutor e passa para a própria voz presidencial, que apresenta seus argumentos sobre a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a defesa da soberania nacional e a mobilização patriótica da população.

O quarto momento corresponde ao encerramento da transmissão, no qual são retomados elementos da programação e da cerimônia. Por não apresentar mudanças significativas para os objetivos desta pesquisa, esse trecho não foi incorporado à análise. O quadro abaixo, informa a minutagem de cada um dos quatro momentos.

Minutagem	Breve descrição do momento
00:00 a 15:00	O locutor introduz as festividades do 7 de Setembro, contextualizando o cenário político da época.
15:00 a 24:15	Corresponde à narração da chegada de Vargas ao Estádio do Vasco, seguida da preparação para o início de seu discurso.
24:15 a 45:26	Discurso de Vargas.
45:25 a 84:32	Encerramento da transmissão e retomada elementos da programação e da cerimônia.

Dessa forma, considerando que o áudio possui duração total de 1 hora e 24 minutos, foram selecionados três trechos específicos como amostras analíticas, correspondentes aos três momentos centrais da transmissão: a apresentação inicial do evento pelo locutor, a chegada de Vargas ao estádio e a realização do pronunciamento presidencial. A escolha desses recortes permite compreender como a imagem do presidente é construída progressivamente pela articulação entre a narração, os elementos sonoros da transmissão e a própria performance vocal de Vargas.

4. DISCURSO POLÍTICO

Nas décadas de 1930 e 1940, tanto governos democráticos quanto regimes autoritários ao redor do mundo passaram a atribuir maior importância à propaganda governamental como instrumento de comunicação política. Mais do que divulgar ações administrativas, essa estratégia buscava fortalecer a legitimidade dos governos e promover a adesão da população aos projetos políticos desenvolvidos. Para isso, foram criados órgãos especializados, como departamentos e ministérios, encarregados de elaborar e coordenar políticas de comunicação por meio dos recursos técnicos e dos veículos de maior alcance disponíveis na época. Inserido nesse contexto, o Brasil também ampliou o uso da propaganda política como ferramenta de ação estatal. O discurso governamental deixou de ser direcionado apenas às elites e passou a alcançar um público mais amplo, utilizando uma linguagem acessível, fundamentada em símbolos, imagens e mitos (Gomes, 2003).

Nesse cenário, Getúlio adotou estratégias discursivas voltadas à aproximação com a população. Conforme explica Mustafá (2014), a partir do estudo de Maria Helena Capelato (1999), em seus pronunciamentos, o presidente recorria ao uso de slogans, palavras-chave, frases de efeito, e repetições, recursos que reforçam a mensagem política e facilitam sua assimilação pelo público. Paralelamente, os meios de comunicação contribuíam para fortalecer sua imagem pública por meio de expressões que exaltavam sua atuação, como “a generosa e humanitária política social do presidente Vargas”, “reiteradas e expressivas provas de carinho ao presidente Vargas”, “a popularidade do presidente Vargas” e “homenagem de respeito e testemunho de gratidão ao presidente Vargas” (Capelato, 1999, p. 171 *apud* Mustafá, 2014, p. 43).

Cada conteúdo divulgado integrava uma estratégia voltada à construção da imagem do Estado Novo e de seu principal líder. Embora revistas, jornais, folhetos e cartazes desempenhassem papel relevante nesse processo, o rádio destacou-se como o meio de comunicação de maior alcance, levando a propaganda oficial a diferentes regiões do país (Mustafá, 2014). Conforme observa Capelato, citada por Mustafá (2014), os discursos proferidos por Vargas em inaugurações, cerimônias comemorativas e visitas oficiais, bem como os pronunciamentos de seus ministros e assessores, constituíam a base da propaganda governamental.

Entre as ocasiões em que esse discurso oficial era amplamente difundido, destacavam-se as comemorações cívicas, especialmente aquelas relacionadas às datas nacionais, que

ofereciam ao governo a oportunidade de reforçar valores patrióticos, exaltar a identidade nacional e aproximar a figura presidencial da população. Nesse contexto, o 7 de Setembro ocupava posição de destaque, tornando-se um momento privilegiado para a divulgação das mensagens oficiais.

Decretado oficialmente como feriado em 1949, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, a data é uma efeméride marcada por desfiles cívicos e militares em todo o território nacional. Constitui-se uma data de pronunciamentos oficiais e manifestações políticas, com discursos voltados a relembrar a independência do povo brasileiro. Trata-se de um feriado que rememora o processo de emancipação do Brasil em relação à Coroa portuguesa, utilizando como marco o rompimento do então príncipe regente Dom Pedro I com Portugal, acontecimento que deu início à reorganização política do país como uma monarquia e coroação do próprio Dom Pedro I como imperador.

As celebrações relacionadas à Independência do Brasil são anteriores ao governo de Getúlio Vargas. No entanto, durante seu governo, o Decreto nº 7, de 20 de novembro de 1934, instituiu oficialmente o 7 de Setembro como o “Dia da Pátria”, reforçando seu caráter de celebração nacional. Posteriormente, as comemorações passaram a ser organizadas também no formato da chamada Semana da Pátria, que compreendia os dias anteriores ao 7 de setembro e a própria data, com a realização de solenidades e atividades de caráter cívico e patriótico. Essas iniciativas inseriam-se em um contexto de valorização de símbolos nacionais e de fortalecimento do sentimento de identidade e pertencimento à nação.

Foi com Getúlio Vargas, na década de 1930, que (os desfiles) passaram a se constituir como ato de construção cívica, com uma grande participação militar, mas também com grande participação civil, principalmente nos estados e municípios, explica o professor emérito do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (UFF) Eurico de Lima Figueiredo (Agência Brasil, 2023).

Além de relembrar a independência política do Brasil, a data foi utilizada como instrumento de mobilização social e de fortalecimento do sentimento patriótico, envolvendo diferentes camadas da população em celebrações cívicas organizadas pelo Estado. Logo, as comemorações ganharam um caráter grandioso e simbólico, refletindo tanto a valorização da nação quanto os interesses políticos do período:

Influenciado pelos espetáculos dos regimes fascistas europeus, o governo Vargas organizou grandes paradas de alunos das escolas públicas durante a Semana da Pátria e encheu estádios de futebol com coros de jovens para entoar hinos patrióticos, o canto orfeônico sob a batuta de Heitor Villa-Lobos. Assim, deu-se continuidade à

incorporação do povo em um projeto nacional capitaneado pelo governo (Kraay, 2022, p. 7).

Neste contexto, os meios de comunicação ocuparam um papel importante na divulgação dos discursos de Vargas no 7 de Setembro, destacando-se a utilização do rádio, um dos mais relevantes instrumentos de comunicação do Departamento de Imprensa e Propaganda. No discurso abaixo, proferido em 7 de setembro de 1934, último ano de seu Governo Provisório, é possível perceber a construção da ideia de um povo unificado, como o próprio afirma ao mencionar a “união sagrada”:

Brasileiros! Debruçai-vos sobre o mapa da nossa Pátria! Observai o imenso domínio de que se apoderaram os nossos maiores, desprezando vicissitudes, retemperando o caráter, a cada hora, nas lides contra os acidentes naturais, recuando as raías da superfície geográfica até aos pendores da cordilheira dos Andes, galgando montanhas, transpondo caudais, varando saltos e cachoeiras, rompendo estradas em regiões inóspitas, drenando pântanos e alagadiços e assentando os alicerces de uma Nação de cerca de nove milhões de quilômetros quadrados!

Essa epopeia, entretanto, é sobrepujada por outra ainda mais impressionante e que deve encher de justo orgulho a todos vós. A manutenção da unidade brasileira constitui fenômeno sem paralelo na história dos povos modernos. O centrifugismo foi a lei que imperou em nosso Continente. Enquanto, ao longo das nossas lindes, os vice-reinados espanhóis se desagregavam, decompondo-se em dezenas de Estados; enquanto, na Europa e na Ásia, poderosos impérios se desarticulavam, mantínhamos com inquebrantável fidelidade o ritmo da nossa união sagrada. Nada nos separou, nada teve o dom de afrouxar os elos que nos soldam numa cadeia indivisível. A unidade brasileira é um dogma inviolável e um exemplo que nos servirá de bússola no rumo do porvir (Vargas, 1938).

Nesse discurso, Vargas convida os brasileiros a olharem para o mapa como forma de chamar a atenção para a dimensão territorial do país, apresentando-a como uma conquista importante, resultado de muitos anos de construção histórica. Em seguida, ele enaltece o fato de que, mesmo com proporções continentais, o Brasil se mantém como uma nação unificada, diferentemente da Espanha e de outros lugares do mundo que ele utiliza como comparação. Por fim, conclui reforçando a ideia de uma união inquestionável, concebida como algo sagrado. Nesse sentido, a análise do discurso permite compreender como essas representações são mobilizadas para construir uma determinada imagem da nação e de seu povo.

O linguista francês, Patrick Charaudeau (2011), afirma que o discurso político é um jogo de máscaras; por isso, as palavras proferidas nesse campo devem ser analisadas não apenas pelo que dizem, mas também pelo que silenciam. Para o autor, o discurso político não se limita à transmissão de ideias, sendo, na verdade, uma prática dotada de intenções estratégicas, pensada para obter a adesão do público. Charaudeau (2011) acredita ainda que, para que o discurso exista, é necessário o estabelecimento de contratos de comunicação entre quem fala e quem

escuta; para que produza efeitos, ambos devem compartilhar as mesmas expectativas.

Todo discurso se constrói na intersecção entre um campo de ação, lugar de trocas simbólicas organizado segundo relações de força (Bourdieu), e um campo de enunciação, lugar dos mecanismos de encenação da linguagem. O resultado é o que chamamos de "contrato de comunicação". É assim com o discurso político, desse modo explicando ao mesmo tempo sua heterogeneidade, do ponto de vista das múltiplas significações que dela podem advir, e sua estabilidade, da perspectiva das possibilidades de comportamentos enunciativos de que dispõe o sujeito político. Nasce aí as dificuldades a serem enfrentadas pelos políticos, que gostariam de assegurar a eficácia de seu discurso; pelos cidadãos, que gostariam que sua força de contestação tivesse um impacto; e pelo analista, que se lança na empreitada perigosa de interpretar esses discursos, buscando extrair deles todos os sentidos possíveis (Charaudeau, 2011, p. 52).

Para Michel Pêcheux (2002), os sentidos produzidos por um discurso não são fixos nem naturais, mas resultam das condições históricas, sociais e ideológicas em que ele é produzido. Isso quer dizer que a significação de um enunciado depende não apenas do que é dito, mas também de quem enuncia, de quem o interpreta e do contexto em que a enunciação ocorre. Nessa perspectiva, Pêcheux (2002) rompe com a ideia de uma verdade única e com a noção de transparência da linguagem, defendendo que todo discurso é atravessado por ideologias e por relações de poder. Assim, os sentidos não são estáveis: são construídos socialmente, transformam-se ao longo do tempo e podem variar conforme as circunstâncias históricas e as posições dos sujeitos envolvidos na produção e na interpretação do discurso.

O autor também defende que o discurso possui uma estrutura linguística, mas que os acontecimentos históricos interferem na produção dos sentidos dos enunciados. Além disso, critica o estruturalismo, corrente que compreende a linguagem como um sistema fechado e estável. Em oposição a essa perspectiva, Pêcheux (2002) argumenta que a linguagem é constitutivamente marcada pela opacidade, pela ambiguidade e pela possibilidade de múltiplos sentidos.

Desse modo, a análise do discurso radiofônico não se limita ao conteúdo verbal, mas considera as condições de produção, o contexto histórico, a posição ideológica do locutor e os efeitos de sentido produzidos na relação entre o discurso presidencial e seus ouvintes.

Para a linguista e professora brasileira Eni Orlandi (2023), fundamentada nas ideias de Pêcheux (2002), a argumentação "se funda no mecanismo de antecipação" (Orlandi, 2023, p. 82), isto é, quem argumenta considera a forma como o interlocutor poderá interpretar sua fala. A partir dessa antecipação, o sujeito organiza aquilo que será dito com o objetivo de produzir determinados sentidos, construindo o discurso já prevendo possíveis reações. Dessa forma, o

sentido não depende apenas do que é dito, mas também da posição ocupada pelo sujeito, das condições de produção e da formação discursiva em que seu dizer se inscreve. Assim, a argumentação ocorre em condições sociais e históricas específicas, mobilizando diferentes formações discursivas.

Para Orlandi (2023), sempre que existem conflitos de posições, há argumentação. Desse modo, a autora entende que a argumentação é, essencialmente, um processo político, pois envolve disputas de sentidos e não apenas estratégias de persuasão. Assim, diferentemente da perspectiva da retórica clássica, argumentar não significa, prioritariamente, convencer o outro, mas colocar em circulação sentidos produzidos historicamente e atravessados por relações de poder.

Diante desse contexto, a análise dos discursos de Getúlio Vargas veiculados pelo rádio durante as celebrações do 7 de Setembro permite compreender como a linguagem política foi utilizada como instrumento de construção de sentidos e de aproximação simbólica entre o governo e a população. Mais do que transmitir informações oficiais, esses pronunciamentos integravam uma estratégia discursiva voltada à formação de uma identidade nacional, à valorização da figura presidencial e à legitimação do projeto político do Estado Novo. Assim, considerando que todo discurso é produzido em condições históricas e ideológicas específicas, a investigação das escolhas linguísticas, dos recursos sonoros e das estratégias de enunciação empregadas por Vargas possibilita compreender de que maneira o rádio atuou não apenas como meio de comunicação, mas também como espaço de disputa e produção de sentidos no cenário político brasileiro da época.

5. DISCURSO SONORO

Este capítulo, fundamenta-se no conceito de Formação Sonora, proposto por Lopez e Oliveira-Lopes (2024), como referencial metodológico para a análise do discurso sonoro. Segundo os autores, a produção de sentidos em produtos radiofônicos não depende exclusivamente do conteúdo verbal, mas também de elementos próprios da linguagem sonora, como a corporeidade da voz e as formas de falar, a montagem sonora, as propriedades físicas do som e a linguagem radiofônica. Dessa forma, para compor a análise a partir da metodologia proposta, serão utilizados como referenciais Balsebre (2005), Spritzer (2005), Meditsch (2001), Schafer (2001), Donanski (2014), Kochhann (2024) e Mazoro, Mendes e Façanha (2025), considerando aspectos relacionados à voz, à linguagem radiofônica, às propriedades do som e ao ambiente sonoro.

Inicia-se, então, a partir da abordagem da linguagem radiofônica, tomando como base o sistema semiótico radiofônico desenvolvido por Armand Balsebre (2005), composto por três dimensões principais: a linguagem radiofônica, a tecnologia e o ouvinte. Nesta análise, o foco será direcionado à primeira dimensão, relacionada aos elementos que constituem a mensagem sonora.

Segundo Balsebre (2005), a linguagem radiofônica não se restringe ao componente verbal, mas é formada pela articulação entre diferentes elementos expressivos, como a palavra/voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. O autor parte da classificação proposta por Abraham Moles sobre os elementos constitutivos da mensagem sonora e amplia essa perspectiva ao incorporar o silêncio como um recurso significativo da comunicação radiofônica.

Balsebre (2005) acredita que, ao integrar palavra, música, efeitos sonoros e silêncio, o rádio torna-se capaz não apenas de informar, mas também de emocionar e estimular a imaginação do ouvinte. Para ele, a força do rádio não está apenas no conteúdo das palavras, mas também na forma como elas são ditas. Logo, o autor afirma que a linguagem radiofônica é artificial e, por isso, a palavra funciona como uma fonte evocadora. Com isso, o Balsebre (2005) não pretende dizer que a linguagem radiofônica seja falsa, mas que ela é construída especificamente para o rádio, atribuindo à palavra o papel de fazer com que o ouvinte se sinta imerso na situação, imaginando cenas e acontecimentos.

Entre os elementos que compõem a linguagem radiofônica, a voz ocupa um lugar central. Ela talvez seja o primeiro aspecto que vem à mente quando se trata de rádio. Segundo Roscéli Kochhann (2024, p. 155), “a voz que leva a palavra permite construir interpretações,

proximidade, vínculos afetivos, reconhecimento, empatia e, por tal motivo, permite a identificação das emoções de quem apresenta.”

Essa capacidade expressiva da voz, também é destacada por Balsebre (2005), que ressalta sua importância para a transmissão de emoções e para a construção do sentido da mensagem radiofônica. Conforme explica Ana Baumworcel (2005):

[...] a possibilidade de transmitir emoção é uma das características que potencializa o rádio como meio de expressão. É a melodia ou entonação, o volume, a intensidade, o intervalo que dão colorido à voz, trazem plasticidade, emoção e vida para o discurso. É o subtexto implícito na voz do locutor que reflete a dramatização dos fatos relatados. Não podemos subestimar a força sugestiva da voz humana e seu poder estético (Baumworcel, 2005, p. 343).

A expressividade vocal também está relacionada às características sonoras da própria palavra. Nesse sentido, Balsebre (2005) afirma que, na palavra radiofônica, as vogais têm o potencial de dar cor à voz, trazendo musicalidade à fala. Já as consoantes projetam as vogais e dão significado às palavras, possibilitando melhor entendimento por parte do ouvinte. O autor também defende que as vozes graves e as vozes agudas proporcionam diferentes tipos de percepções psicológicas. As vozes agudas transmitem a sensação de maior distanciamento, mas também de clareza. Em contrapartida, as vozes mais graves produzem uma sensação de proximidade.

[...] As vozes mais graves são mais indicadas para programas noturnos por trazerem um contato psicológico mais estreito num horário em que o ouvinte está mais tranqüilo. Já uma voz aguda que denota mais clareza e inteligibilidade, embora menos presença, será mais adequada para programas diurnos, mais alegres e excitantes num momento em que a audiência está mais dispersa e em movimento. Estas relações espaciais sugeridas pela cor da voz constituem um repertório de relações significativas no processo de codificação imaginativo-visual da palavra radiofônica (Balsebre, 2005, p. 331).

Chamando atenção para outros aspectos responsáveis pela expressividade da palavra radiofônica, Balsebre (2005) explica que a expressão musical da palavra é definida pelo conceito de melodia da fala, ou seja, pela entonação. Segundo ele, uma mesma frase pode conter diferentes emoções de acordo com a entonação empregada, pois ela cria um movimento afetivo. Além disso, a melodia traz uma noção de continuidade, rompendo com a monotonia.

Ao enfatizar a importância da entonação e da expressividade vocal, Balsebre (2005) evidencia que a voz vai além da simples transmissão da palavra, constituindo um elemento fundamental na produção de sentidos no rádio. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva

desenvolvida por Mirna Spritzer (2005), que amplia essa discussão ao atribuir à voz a função de representar a própria corporeidade do ator. Em sua tese de doutorado sobre a peça radiofônica como experiência pedagógica para atores, Spritzer (2005) destaca que, na experiência radiofônica, a voz assume uma dimensão singular. A autora defende o conceito de voz-corpo, segundo o qual a voz encarna a corporeidade do ator, tornando-se responsável por desempenhar, no rádio, a função que, em outras linguagens, seria atribuída ao corpo físico.

Nesse contexto, Spritzer (2005) recorre à definição de Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (1999), para explicar que a voz é capaz de tornar presentes o cenário, os personagens e suas intenções. Spritzer (2005) destaca que Silva (1999) atribui sensibilidade à palavra ao personalizá-la por meio da cor, do ritmo, do fraseado, da emoção, da atmosfera e do gesto vocal. Conforme Lopez e Oliveira-Lopes (2024, p. 5),

A corporeidade da voz, capaz de ambientar cenas e sensações, é um índice da FS para compreender a delimitação desta função em uma relação com a FD analisada. Ela define ânimos e intenções, como lembra Charaudeau, inscritos no que Prata apresenta, a partir de Mônica Rebeca Ferrari Nunes, como uma ritualização da escuta. A performance vocal, a colocação em cena, desvelada na montagem e nas escolhas narrativas da linguagem radiofônica configuram índices semiológicos da FS.³

Segundo Jéssica Donanski (2014), ao discutir as contribuições de Mario Kaplún em sua obra *Produção de Programas de Rádio*, a voz do locutor adquire expressividade por meio de recursos como a modulação, que consiste na variação da voz entre tons altos e baixos; a entonação, caracterizada pelas oscilações melódicas da voz durante a produção de uma frase; e a naturalidade na locução, que contribui para conferir autenticidade e espontaneidade à comunicação.

Além da palavra e da voz, outro elemento fundamental da linguagem radiofônica é o silêncio. Antes de abordar sua função no rádio, é importante compreender sua dimensão na teoria da linguagem. Nesse sentido, Eni Orlandi (2007) afirma que o silêncio produz sentido. Conforme a autora, a linguagem surgiu a partir do momento em que os seres humanos compreenderam que o silêncio também significava algo e que ele expressava emoções e interações. A partir dessa compreensão, criaram a linguagem para registrar e compartilhar esses sentidos.

Orlandi (2007), compreende o silêncio a partir da Análise do Discurso (AD). Segundo a autora, ao utilizarmos a linguagem, atribuímos nomes, categorias e organizamos a realidade

³ FS é abreviação de Formação Sonora e FD é abreviação de Formação Discursiva.

à nossa volta. Por essa razão, Orlandi afirma que a linguagem exerce uma função de disciplinar os sentidos. O silêncio, por sua vez, atua de forma distinta, pois nele os significados não estão completamente determinados, abrindo espaço para diferentes interpretações.

Partindo dessa perspectiva, os momentos de silêncio em um discurso não devem ser entendidos como falta de comunicação. Ao contrário, podem gerar expectativa, enfatizar informações relevantes, expressar respeito ou solenidade e até intensificar os efeitos de uma mensagem.

Quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo. O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Esse gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente. Em suma: quando o homem individualizou (instituiu) o silêncio como algo significativamente discernível, ele estabeleceu o espaço da linguagem (Orlandi, 2007, p. 27).

Essa compreensão do silêncio como produtor de sentidos também é incorporada por Balsebre (2005) em sua teoria da linguagem radiofônica. Segundo o autor, o silêncio “delimita núcleos narrativos e constrói um movimento afetivo” (Balsebre, 2005, p. 334). Com isso, o autor afirma que o silêncio indica mudanças de assunto ou encerramentos de ideias. Ele apresenta a ideia de que as palavras existem porque são acompanhadas por esses segundos de pausa, ou seja, a palavra seguida do silêncio e, depois, a palavra novamente. Ao afirmar que o silêncio constrói um movimento afetivo, Balsebre (2005) defende que ele traduz emoções como amor, medo e raiva. Um exemplo disso é a pausa antes de anunciar uma notícia grave ou a pausa diante de uma surpresa. O autor também aponta o silêncio como um momento de reflexão. No entanto, faz algumas ressalvas ao afirmar que o silêncio pode ser negativo do ponto de vista comunicacional quando se prolonga excessivamente.

Cabe tratar, ainda, do conceito de harmonia em Balsebre, definido como “superposição ou justaposição de vozes em uma sequência” (2005, p. 332). Logo, a harmonia se estabelece pela forma como diferentes sons são combinados para criar uma experiência sonora agradável. Da mesma forma, o ritmo da palavra radiofônica corresponde à maneira como o locutor distribui as palavras, as pausas, a velocidade da fala e as mudanças de intensidade, conferindo ordem às sequências sonoras, proporção e prazer estético para quem escuta.

Por fim, a compreensão desses elementos do Discurso Sonoro, também envolve observar as características físicas que constituem o som. Jáuregui e Lopez (2021) destacam que Meditsch (2001) compreende o universo auditivo a partir de quatro propriedades físicas do som.

A primeira delas é a amplitude, relacionada à intensidade ou ao volume sonoro. A segunda corresponde à frequência, também denominada tom, responsável pela percepção da altura dos sons, variando entre graves e agudos. O timbre, por sua vez, é a característica que diferencia um som de outro, conferindo-lhe uma identidade própria a partir da combinação de diferentes frequências e amplitudes. Já a curva dinâmica refere-se ao modo como o som se desenvolve ao longo do tempo, considerando seu início, sua permanência e seu término, bem como as variações de intensidade e velocidade.

Dessa forma, a análise do Discurso Sonoro evidencia que a construção de sentidos no rádio não se limita ao conteúdo verbal transmitido, mas envolve uma complexa articulação entre voz, ritmo, silêncio, harmonia, propriedades físicas do som e demais elementos que compõem a narrativa sonora. A partir das contribuições de Balsebre (2005), Lopez e Oliveira-Lopes (2024), Jáuregui e Lopez (2021), Meditsch (2001) e Spritzer (2005), compreende-se que a voz ocupa um papel importante nesse processo, uma vez que carrega marcas de expressividade, corporeidade e intenção. Assim, os recursos sonoros atuam conjuntamente na criação de ambientes, na condução das emoções e na aproximação com o ouvinte, tornando a linguagem radiofônica um espaço de produção de sentidos que ultrapassa a dimensão puramente informativa e envolve também aspectos sensoriais, afetivos e imaginativos.

5.1 Ambiente Sonoro

O rádio utiliza efeitos sonoros para contextualizar o ambiente e tornar a experiência mais “real” para o ouvinte, aumentando a sensorialidade. Esta prática se evidencia nas produções ficcionais, sendo pouco utilizada em outros gêneros. Contudo, de modo geral, os efeitos sonoros desempenham um papel importante, pois contribuem para que o ouvinte receba com maior clareza a mensagem transmitida (Kochhann, 2024). Analisando a contribuição de Mario Kaplún para o tema, Kochhann (2024, p. 159) destaca que o autor “refere-se a eles como sons” e propõe quatro funções para os efeitos sonoros:

[...] A primeira delas é a função ambiental/descritiva, onde os sons são utilizados como fundo de cena que atuam acompanhando os diálogos. Aponta também a existência de uma função expressiva. Seria quando os sons utilizados conseguem transmitir, sozinhos, o que está acontecendo, sem a necessidade da utilização de palavras. A função narrativa pode ser observada, por exemplo, na ligação de diferentes cenas de uma composição sonora. E, por fim, a função ornamental seria aquela onde os sons não são fundamentais para a compreensão, mas fazem o que Kaplún (2017) chama de “dar vida e sabor” a uma cena (Kochhann, 2024, p. 159-160).

Contudo, na linguagem radiofônica, os sons não se limitam à função de acompanhar o discurso verbal, mas participam ativamente da construção de sentidos. Nesse contexto, os efeitos sonoros assumem um papel fundamental na organização da mensagem, podendo atuar de diferentes formas de acordo com sua função comunicativa e com o contexto em que são inseridos. Em diálogo com Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) e Ferraretto (2014), Kochhann (2024) indica quais seriam as funções desempenhadas pelos efeitos sonoros na mensagem:

Podem ter função referencial, expositiva ou ornamental (quando trazem um som natural que reforça alguma ação), pragmática (pontuando as transmissões), descritiva ambiental (atuando na construção de cenários e auxiliando na identificação de objetos e atores no interior deste cenário), narrativa (marcando passagens de tempo e de espaço) ou, ainda, expressiva (quando indicam estados de ânimo) (Kochhann, 2024, p. 159).

No caso da transmissão do programa *A Hora da Independência*, além da música de abertura *O Guarani*, não houve a inserção direta de sons artificiais (aqueles produzidos em estúdio com a função de ilustrar). Neste sentido, os sons como aplausos, bandas e multidão são melhor compreendidos como sons ambientes reais, que funcionam como efeitos sonoros na construção da narrativa radiofônica.

A compreensão desses elementos sonoros também exige considerar o contexto histórico em que a transmissão foi realizada. Em 7 de setembro de 1942, a celebração da Independência ocorreu em um momento marcado pela Segunda Guerra Mundial e pela entrada do Brasil no conflito. Dessa forma, a comemoração da Independência adquiria sentidos que ultrapassavam o caráter festivo, articulando-se à exaltação do patriotismo, à ideia de unidade nacional e à mobilização da população diante da guerra. Nesse contexto, os sons presentes na transmissão participam da construção de uma representação do acontecimento como uma manifestação de caráter nacional e coletivo.

Para esta análise, esses elementos serão denominados Ambiente Sonoro, compreendendo toda a paisagem acústica que envolve os discursos do presidente e do locutor. Ainda que manifestações populares, como aplausos e gritos, não tenham sido produzidas intencionalmente para compor o programa de rádio, elas participam da construção da imagem de Vargas e integram o conjunto da transmissão ao vivo. Essa denominação fundamenta-se no conceito de paisagem sonora, desenvolvido por Murray Schafer (1977), que se refere ao ambiente acústico que envolve os indivíduos, constituído pelo conjunto de sons presentes no

cotidiano. Esses sons podem ser agradáveis ou desagradáveis, intensos ou suaves, percebidos conscientemente ou não, mas, em conjunto, compõem a experiência auditiva e influenciam a forma como os sujeitos percebem o ambiente.

Segundo Schafer (2001), nem todos os sons presentes em uma paisagem sonora possuem o mesmo grau de relevância para o ouvinte. De maneira semelhante ao que ocorre na percepção visual, em que uma figura se destaca sobre um fundo, a escuta também organiza os sons em diferentes planos de atenção. A figura corresponde ao som que se sobressai e concentra a atenção do ouvinte por transmitir informações relevantes ou despertar maior interesse. Já o fundo é formado pelos sons contínuos do ambiente que, embora geralmente passem despercebidos de forma consciente, constituem a base acústica sobre a qual a figura se destaca e influenciam a percepção do espaço sonoro.

O autor ressalta ainda que essa distinção não é fixa. Um mesmo som pode assumir a função de figura ou de fundo, dependendo do contexto e da forma como é percebido pelo ouvinte. Dessa maneira, compreender uma paisagem sonora implica identificar quais sons ocupam o primeiro plano e quais permanecem em segundo plano, permitindo analisar como a organização desses elementos interfere na construção de sentidos.

No caso da transmissão do programa *Hora da Independência*, os sons de fundo não desempenham apenas uma função decorativa. Aplausos, manifestações do público, cantos orfeônicos e demais sons ambientes participam da construção do significado da transmissão, contribuindo para a criação de um ambiente de apoio, entusiasmo e mobilização em torno da figura de Getúlio Vargas. Assim, embora não sejam o foco principal da escuta, esses elementos também comunicam e participam da produção de sentidos.

A presença desses sons adquire particular relevância quando considerada a posição ocupada por Vargas naquele acontecimento. Como chefe da nação, Getúlio encontrava-se no centro de uma cerimônia que, naquele contexto de guerra, articulava a celebração da Independência à afirmação de valores relacionados à pátria e à unidade nacional. Assim, os aplausos, gritos e manifestações de entusiasmo que acompanham sua presença não apenas ambientam a cena, mas contribuem para construir sonoramente uma imagem de liderança e de reconhecimento público em torno do presidente.

A compreensão dos sons como elementos constitutivos da mensagem radiofônica aproxima-se da perspectiva de Schafer (2001) sobre a organização da paisagem sonora, na qual cada componente acústico exerce uma função específica na composição do ambiente sonoro. Como afirma o autor, "a figura corresponde ao sinal ou marca sonora. O fundo corresponde aos

sons do ambiente à sua volta — que podem, com frequência, ser sons fundamentais — e o campo, ao lugar onde todos os sons ocorrem: a paisagem sonora" (Schafer, 2001, p. 215).

Schafer (2001) também propõe o chamado plano dos três palcos, uma forma de organizar os sons de acordo com sua função na cena sonora. O primeiro plano corresponde ao som imediato, isto é, aquele que deve concentrar a atenção do ouvinte. Na transmissão analisada, esse plano pode ser dividido em três momentos principais. Inicialmente, a voz do locutor ocupa o primeiro plano. Quando Getúlio Vargas inicia seu discurso, sua voz passa a ocupar essa posição, tornando-se o principal elemento de atenção do ouvinte. Por fim, o locutor retoma o primeiro plano ao dar continuidade à transmissão. É importante destacar, contudo, que os cantos e as saudações orfeônicas também assumem o primeiro plano em determinados momentos, especialmente na parte final do áudio, quando o locutor silencia para que o ouvinte possa ouvi-los.

O segundo plano é formado pelos sons de suporte, responsáveis por contextualizar ou reforçar o conteúdo principal. São elementos que mantêm relação direta com a narrativa, como os aplausos e outras manifestações do público, contribuindo para fortalecer o sentido do discurso sem competir com a voz principal. Um exemplo de som de suporte na transmissão ocorre no minuto 16min27s, quando o locutor afirma: “o carro do chefe da nação é completamente envolvido pelo povo”. Nesse momento, é possível ouvir, ao fundo, a manifestação de pessoas entusiasmadas, com gritos e outras expressões de euforia. Esse elemento sonoro funciona como suporte à fala do locutor, uma vez que reforça, no plano acústico, a descrição da grande concentração e do entusiasmo popular mencionados em sua fala.

Por fim, o fundo sonoro corresponde aos sons que compõem a ambientação geral da transmissão. Sua função é criar a atmosfera acústica da cena, oferecendo uma ambientação contínua, sem assumir protagonismo. No caso de *A Hora da Independência*, esse tipo de som pode ser identificado nos momentos em que o locutor fala e, simultaneamente, permanece ao fundo um ruído contínuo que sugere a presença de pessoas no local. Esse som não concentra a atenção do ouvinte, mas contribui para situá-lo no ambiente em que ocorre a transmissão, sugerindo um espaço aberto e ocupado por um grande número de pessoas.

Schafer (2001) ressalta que a distinção entre sons de suporte e sons de fundo não depende da natureza do som em si, mas da função que ele desempenha em determinado contexto. Por esse motivo, há momentos na transmissão em que as manifestações populares podem ser consideradas sons de fundo ou de suporte, dependendo de sua relação com o

elemento principal da cena sonora.

O quadro abaixo apresenta momentos em que ocorreram manifestações do público, como gritos e aplausos, momentos de silêncio e cantos orfeônicos, que contribuíram para a construção do ambiente sonoro da transmissão. Porém, é importante ressaltar que, em razão da qualidade do áudio e da extensa duração da gravação, podem existir imprecisões tanto na transcrição quanto na identificação dos momentos de manifestação pública, uma vez que, em alguns trechos, esses sons podem ter sido confundidos com chiados decorrentes das limitações técnicas da gravação. Para diminuir os pontos de dúvida ou possíveis enganos, especialmente na transcrição, buscamos também registros da imprensa na época, encontrando a transcrição do discurso de Vargas no exemplar do *Diário Carioca* publicado em 8 de setembro de 1942⁴ (ver figuras 1 e 2). Cabe ressaltar, no entanto, que há breves trechos divergentes entre os registros sonoro e impresso. Acredita-se que se tratam de revisões realizadas entre o envio oficial do texto à imprensa e sua leitura no evento pelo presidente.

Ambiente Sonoro	Transcrição do Programa
LOCUTOR:	Senhores ouvintes, muito boa tarde. O Departamento de Imprensa e Propaganda, vai transmitir a Hora do Brasil, neste dia 7 de setembro, diretamente do estádio do Clube de Regatas do Vasco da Gama, a bela praça dos esportes do bairro carioca São Januário, onde todos os anos têm sido realizadas as grandes concentrações de estudantes do povo brasileiro, para ouvirem o discurso alusivo à data magna do país, pronunciado pelo presidente Getúlio Vargas. Os ouvintes brasileiros devem ter acompanhado pelo profundo noticiário da imprensa, e pelas transmissões radiofônicas do Departamento de Imprensa e Propaganda, o transcurso das tropas e solenidades de imensa impressão física, que neste ano, como em todos os anos anteriores, foram realizadas nesta capital e em todas as metrópoles e cidades do interior do país, rememorando o episódio histórico que determinou a nossa libertação das forças portuguesas. Um conjunto de especiais circunstâncias, envolve as festas da Semana da Pátria, de importância especial neste ano, determinando uma vibração patriótica inédita nos anais brasileiros. A luta em primeiro plano, o estado de guerra existente entre o Brasil e as duas potências do eixo que agrediram o pavilhão nacional traiçoeiramente, sacrificando vidas e bens preciosos de nossa terra. A nação inteira, revoltada com o ato de covardia dos submarinos inimigos, trouxe para a rua, num transbordamento de irreprimível indignação o seu protesto, pedindo armas para vingar o ultraje. A esses dias de clamor público, seguiu-se o ato governamental que reconheceu o ato de guerra, comunicando à Itália e à Alemanha a existência de um estado de beligerância entre o Brasil e as potências do eixo.

⁴ Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093092/per093092_1942_04365.pdf

	Está o Brasil de pé. As comemorações da Semana da Pátria cresceram assim de importância, pois além de registarem a evidência da nação em armas, serve ela para desagravar pela manifestação coesa de todas as forças e classes brasileiras a bandeira ultrajada. A soberania atingida pelos assassinos de nossos irmãos, que navegavam em águas nossas, cumprindo deveres sagrados e completamente indefesos. Um outro fato decorrente da guerra acrescentou às comemorações novos fulgores de civismo e de entusiasmo. O gesto esplêndido do general Agustin Justo, ex-presidente da República Argentina, límpido no caráter da nação irmã, estadista de invulgar qualidades morais e intelectuais, segura hoje amada com todo o calor de nossos corações pela oferta magnânima de seus serviços ao Brasil, chegou ontem à capital da República. O general Justo chegou ao Rio de Janeiro atendendo ao convite que lhe foi feito pelo nosso governo de visitar o Rio de Janeiro e o Brasil durante a Semana da Pátria. A sua chegada à capital federal constituiu o acontecimento de indestrutível entusiasmo, pela emoção afetiva e pelo calor com que nosso povo recebeu em seu seio o eminente e valoroso militar portenho. Milhares e milhares de homens e mulheres do povo postaram-se no aeroporto Santos Dumont a fim de demonstrarem ao general Justo o seu reconhecimento pelo gesto mais do que expressivo de sua excelência, oferecendo sua vida ao Brasil, honrando o título de general do exército brasileiro que lhe foi conferido numa demonstração da nossa amizade por ele e pelo seu grande povo. Os abraços do ministro Eurico Dutra, do ministro Oswaldo Aranha, as efusivas manifestações de carinho dos generais brasileiros ao grande amigo do Brasil deram um cunho de extraordinário relevo à chegada do general Agustin Justo à capital da República. O terceiro fato de grande significação que pode ser mencionado hoje, neste momento culminante das comemorações da Semana da Pátria, é o grande desfile realizado hoje pela manhã na capital da República. Desfile de que participaram as nossas forças de terra, mar e ar, num garbo inexcedível, numa demonstração absoluta do preparo militar do Brasil. Da perfeita disciplina das nossas forças de terra, mar e ar que encheram a cidade com o rumor das suas fanfarras e dos seus clarins, das suas bandas de música e o passo cadenciado de milhares de soldados brasileiros, que desfilando pela Praia do Flamengo, pela Avenida Rio Branco, pela Avenida Marechal Floriano, se dirigiam ao Palácio da Guerra, onde estava armado o palanque do Presidente da República e onde se achavam Sua Excelência, o chefe da nação, todos os ministros de Estado, representantes do corpo diplomático, o general Agustin Justo; hóspede de honra do Brasil; o senhor Nelson Rockefeller, presidente da Comissão de Coordenação de Assuntos Interamericanos, todos os generais do nosso exército e grande número de convidados. A massa popular que presenciou a parada maravilhosa da manhã de hoje na capital da República era orçada em cerca de 400 mil pessoas, que se estendiam através do bairro do Flamengo, da Avenida Rio Branco, da Avenida Marechal Floriano e ao longo de toda a Avenida Presidente Vargas. Espetáculo que deixa bem patente a decisão solene da nação brasileira de defender a honra do pendão brasileiro de armas na mão. Demonstração do perfeito preparo militar das nossas Forças Armadas, que desde 1930 vem recebendo o maior carinho do governo brasileiro, não só no sentido de restaurar as unidades do exército, como reorganizá-las e dar-lhes também os aparelhamentos mais modernos de defesa e de ataque. A capital da República teve ainda um grande espetáculo de civismo a mencionar nos anais desta Semana da Pátria, que hoje culmina com a grande concentração realizada no Estádio do Vasco. Foi o desfile da nossa mocidade. Um espetáculo que ficou indelevelmente gravado nos olhos de todos aqueles que assistiram ao
--	---

Som ao fundo	desfile dos 20 mil alunos, representando as faculdades da Universidade do Brasil, os educandários secundários do Rio de Janeiro, todas as escolas subordinadas à Prefeitura do Distrito Federal. 20 mil alunos com uma noção de dever, com uma noção de civismo, com uma noção de amor ao Brasil que empolgou completamente a espetacular massa que correu para as ruas naquela manhã a fim de assistir ao desfile da mocidade na grande comemoração do Dia da Pátria. Como na capital da República, estes espetáculos de culto ao Brasil, este espetáculo de maravilhosa coesão e de compreensão nítida dos sentimentos cívicos e patrióticos de um povo, este espetáculo disse se repetiu por todo o Brasil, não só nas grandes metrópoles, nas capitais dos Estados, mas também em todos os municípios do Brasil, que vibraram na mesma emoção e no mesmo arrebatamento patriótico com que vibraram as populações do Rio de Janeiro. Estamos, senhores ouvintes, diante de uma espetacular multidão que enche completamente as dependências do Vasco da Gama. Cerca de 70 mil pessoas vieram para esta praça de esportes a fim de assistir às comemorações culminantes do Dia da Independência. Vinte e cinco mil alunos de escolas estão formados nos seus uniformes azuis e brancos na arquibancada central do grande estádio de esportes do Clube de Regatas Vasco da Gama, ao mesmo tempo que todas as dependências da tribuna oficial armada no centro do campo se acham lotadas pelas altas personalidades de Estado, todos os ministros, todos os secretários da Prefeitura, inúmeras patentes militares e convidados de honra, além dos representantes do corpo diplomático acreditados junto ao governo brasileiro. As crianças brasileiras, aqui vieram para a execução de um maravilhoso programa orfeônico e também para ouvir a mensagem de brasilidade, a mensagem de orientação que lhes é dirigida todos os anos pelo presidente Getúlio Vargas. Sua Excelência deverá chegar a este estádio dentro de poucos minutos, recebendo como sempre a consagração popular, através dos aplausos das crianças que aqui estão, através das manifestações frenéticas de uma assistência enorme que enche literalmente as dependências do Estádio do Vasco. Ao lado das tribunas oficiais estão formadas todas as bandeiras dos educandários da capital da República, que aqui estão representados nos seus conjuntos orfeônicos. Além das bandeiras brasileiras, os alunos destas escolas trazem também o símbolo da juventude brasileira. Um grande programa, como eu disse, vai ser transmitido pelo departamento nesta Hora do Brasil, do dia 7 de setembro, data magna do Brasil. Logo após a chegada de Sua Excelência e a execução do hino nacional em continência ao chefe da nação, será pronunciado o discurso do presidente Getúlio Vargas à nação brasileira. Em seguida, coros e bandas, coros estes representados pelos 25 mil alunos e bandas militares, representando 500 músicos das corporações militares do Rio de Janeiro, interpretarão o hino nacional brasileiro de Francisco Manuel e Duque Estrada. O terceiro número da programação desta tarde é o hino da independência, também executado pelos coros e bandas. Letra de Dom Pedro I e let... música de Dom Pedro I e letra de Evaristo da Veiga. Oração cívico-religiosa é o número seguinte, uma saudação orfeônica. Os ouvintes devem estar apreciando os ensaios do grande conjunto orfeônico que aqui está presente e que é regido pelo maestro Vila Lobos. Eles estão fazendo os últimos preparativos para a recepção presidencial com a sua saudação orfeônica à bandeira e a saudação orfeônica à pátria. Segue-se o hino à bandeira nacional, depois da saudação orfeônica, à bandeira e a saudação à pátria, coros a duas vozes interpretarão a marcha patriótica Brasil País do Futuro.
--------------	---

	O oitavo número da programação que será executado no campo do Vasco é composto de diversos efeitos orfeônicos onomatopaicos. Ouviremos o primeiro dos ruídos de palmeiras, o terceiro uma invocação à metalurgia. É um número orfeônico que vai mostrar ao Brasil o rumor das fábricas trabalhando pela siderurgia e pela metalurgia. Os ruídos de todos esses mecanismos e esses maquinismos que hão de dar ao Brasil a indústria do ferro, a riqueza de amanhã que o governo se esmera em montar agora com aspectos inéditos na vida do país. E por último o efeito orfeônico é a história se repete. Uma surpresa para os ouvintes. O nono número do formidável programa que será executado no estádio do Vasco é o juramento da juventude brasileira. E encerra o programa a marcha 7 de setembro, marcha heroica de Thiers Cardoso e Obertal Chaves para o desfile dos alunos. Senhores ouvintes, neste momento estão ingressando no estádio do clube de regatas Vasco da Gama os batedores que precedem o carro de sua excelência o senhor presidente da república.
Aplausos	Iniciam-se neste momento as manifestações de aplauso e de carinho, de admiração e de simpatia ao presidente Getúlio Vargas que vem presidir a mais uma maravilhosa sessão de civismo e de patriotismo dada pelo povo, pelas crianças do Brasil. Neste dia 7 de setembro em que a nação vibrando de patriotismo comemora o transcurso de mais uma data magna do país, o aniversário da sua libertação. Sua excelência o senhor presidente da república deve ingressar dentro de alguns instantes no campo do Vasco da Gama. Tendo então imediatamente início o grande programa de comemorações organizado para a data de hoje pelo ministério da educação e saúde.
Silêncio	Estão chegando diante do nosso microfone os primeiros batedores que precedem o carro de sua excelência o senhor presidente da república.
Silêncio	35 batedores precedem o carro do presidente Getúlio Vargas no estádio do Vasco da Gama, onde se vai realizar a hora do Brasil do dia 7 de setembro com a concentração de 25 mil escolares das escolas da prefeitura, 500 músicos das bandas militares e cerca de 70 mil pessoas que se comprimem em todas as arquibancadas e dependências do Vasco da Gama.
Sons de Manifestação popular	Senhores ouvintes, mais eloquentemente do que eu, falam as manifestações que o presidente Getúlio Vargas está recebendo neste momento no campo do Vasco da Gama. Ouçam os aplausos e aquilatem pelo rumor e pelo clamor que enche completamente o Vasco da Gama, o entusiasmo do público que aqui se reuniu para assistir as brilhantes comemorações do 7 de setembro. O carro do chefe da nação é completamente envolvido pelo povo e faz a volta na pista recebendo as manifestações infantis. As crianças formadas na arquibancada central empunham bandeiras verdes, amarelas, azuis e brancas formando em toda a arquibancada central com as bandeiras agitadas uma bandeira viva do Brasil.
Silêncio do locutor e som de manifestação popular Sons de Manifestação popular	O presidente Getúlio Vargas está passando neste momento em frente à arquibancada das crianças reunidas aqui para a execução do grande programa orfeônico. Continua Sua Excelência recebendo as manifestações de simpatia e de carinho da grande assistência que enche literalmente as dependências do Clube

Sons de Manifestação popular	Vasco da Gama.
Sons de Manifestação popular	Sua Excelência aproxima-se agora da arquibancada das Gerais. Os aplausos que estão ouvindo partem da arquibancada das Gerais, onde Sua Excelência está passando neste momento no carro oficial precedido pelos batedores e acompanhado pela comitiva presidencial. Todas as bandas de música aqui presentes e que quase não podem ser ouvidas, tanta é a vibração reinante no estádio, executam neste momento o Hino Nacional.
Aplausos	O presidente da República, no seu assento no carro, corresponde às manifestações de apreço que lhe são tributadas pelo povo reunido no campo do Vasco da Gama. O automóvel chega neste momento diante da tribuna oficial. Sua Excelência vai desembarcar estando ladeada pelo General Agustin Justo, que foi recebido ontem com manifestações excepcionais de carinho e de entusiasmo do povo brasileiro pelo seu magnífico gesto, oferecendo os serviços de General Honorário de Exército à nação brasileira em virtude da declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália.
Hino Nacional	O chefe da nação desembarca neste momento do carro presidencial e é aplaudido pelos convidados que se acham no palanque presidencial. Diversos outros carros da comitiva presidencial estão desembarcando os convidados de honra que fazem parte da comitiva de Sua Excelência, Senhor Presidente da República.
Silêncio	Os músicos das bandas militares aqui reunidas ouviram o hino nacional brasileiro.
Silêncio	Senhores agentes, vai ter início neste momento no estádio onde o Clube de Regatas Vasco da Gama, o grande programa organizado para a concentração física.
Silêncio	Atenção brasileiros! Atenção brasileiros! Atenção brasileiros! Vai falar o chefe da nação:
GETÚLIO VARGAS:	Brasileiros, a comemoração do Dia da Independência, que teve nos últimos anos punho de puro culto cívico, reveste-se hoje de significação maior, constitui mesmo acontecimento extraordinário da vida nacional. Por um quarto de século, as festividades públicas eram ocasião para demonstrar os esforços do Brasil no sentido do progresso pacífico e acolher as representações de outros povos que vinham congratular-se conosco e compartilhar da nossa justa alegria. A Semana da Pátria, neste ano de 1942, assume o caráter de um movimento de mobilização geral das forças morais e materiais da nação. Serve para conclamar os brasileiros ao cumprimento de obrigações penosas impostas por circunstâncias incontroláveis.
Manifestação popular/ Aplausos	Para as quais não concorreremos, mas a que temos de fazer frente, com quantas energias possamos dispor.
	Cultivando as boas relações com todos os povos, praticando uma política sadia de

Manifestação popular/ Aplausos	aproximação e concórdia, fomos, entretanto, surpreendidos com uma agressão brutal e inesperada por parte de Estados que haviam, desde tempos, perdido o respeito de si próprios e não podiam consequentemente,
Som ao fundo	manter o respeito devido aos outros. Como todos vós sabeis, em agosto último, navios da Marinha Mercante brasileira foram torpedeados à vista das nossas costas por uma ação deliberada e perversa de corsários sob a bandeira das nações de presa que lançaram o mundo no mais sangrento conflito desse século.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Vivemos a dignidade de revidar a afronta, guardamos o respeito a nós próprios,
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	defendemos tenazmente a nossa forma de viver e os nossos deveres continentais e, por isso mesmo, fomos agredidos e mais de seiscentos brasileiros perderam a vida numa emboscada marítima executada com requintes de inaudita crueldade.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	A vossa reação, brasileiro, esteve à altura da ofensa. Protestastes com indignação,
Silêncio de Vargas e aplausos	protestastes com indignação, solicitastes por todas as formas de expressar a vontade popular que o governo declarasse guerra aos agressores.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	E assim foi feito. A honra e os interesses mais sagrados da pátria exigiam imperativamente a atitude que tomamos.
Silêncio de Vargas e aplausos	Agora nos sentimos de consciência tranquila, resolutos e dispostos a defender os brios legítimos do nosso povo que nunca se ajustou à atitude de escravo e há de progredir independente e soberano.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	A declaração do Estado de beligerância colocou-nos na posição de combatentes e, de acordo com ela, já assentamos os planos de trabalho e de ação.
Silêncio de Vargas e aplausos	Militarmente, teremos de completar a mobilização para fazer parte das necessidades efetivas da guerra.

Silêncio de Vargas e Manifestação popular	No setor econômico, chefes de empresas e operários cerram fileiras em torno do governo e, estou certo, em benefício coletivo, ninguém poupará esforços ou bens.
Silêncio de Vargas	Existe generalizada, a firme compreensão de que precisamos unir-nos e esquecer divergências e particularismos para só cuidarmos dos objetivos supremos da defesa da Pátria.
Silêncio de Vargas	A frente interna, coesa e decidida a arrostar, de ânimo viril, qualquer emergência, as forças armadas, prontas a repelir qualquer golpe.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Tudo isto constitui um magnífico espetáculo da vida brasileira neste momento grave da nacionalidade.
Silêncio de Vargas e aplauso	Qualquer inimigo que pise o solo pátrio, sobrevoe as nossas cidades ou infeste o mar territorial receberá o mesmo castigo, infligido.
Silêncio de Vargas e aplauso	Infligido aos submarinos que, numa prática de pirataria, investiram contra a nossa navegação costeira e foram afundados pelos intrépidos e eficientes pilotos das nossas forças aéreas.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Seremos implacáveis no combate aos invasores e aos seus agentes.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Infiltrados traiçoeiramente no meio das nossas populações laboriosas. Não importará isso em quebra do nosso sentimento comprovado de hospitalidade.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Os nacionais dos países com os quais estamos em guerra que aqui vieram e construíram seus lares, de forma regular e honesta, nada devem recear enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do país.
Silêncio de Vargas e aplauso	De modo bem diverso serão tratados os que, traindo os compromissos assumidos e ludibriando nosso acolhimento generoso, auxiliarem de alguma forma aos inimigos. Com eles mantiverem entendimento, questionando ou fazendo sabotagem.

Silêncio	
Silêncio de Vargas e aplauso	A esses aplicaremos com rigor as leis de guerra.
Silêncio de Vargas e aplauso	Em relação aos semeadores de boatos e derrotistas de qualquer nacionalidade, nenhuma complacência existirá.
Silêncio de Vargas e aplauso	Serão segregados do meio social, reduzidos à condição de suspeito e declarados indignos da cidadania brasileira.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Povo o pacífico, educado nas virtudes cristãs, não cultivamos pendores guerreiros, mas faremos como os cidadãos pacatos e trabalhadores assaltados na própria casa.
Silêncio de Vargas e aplauso	Devolveremos golpe por golpe. Resistindo por todas as formas concebíveis aos que pretenderem oprimir-nos. Nada nos deterá nessa determinação. Ameaças, injúrias ou violências servirão apenas para acrescer a nossa combatividade e tornar mais forte a reação.
Silêncio de Vargas e aplauso	As consequências da luta em que nos empenhamos e que decidirá dos destinos do mundo não podem causar-nos apreensões. Os privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente inconciliáveis da civilização contemporânea hão de fundir-se nesse incêndio de vastas proporções em holocausto ao surto de uma nova era.
Silêncio de Vargas e aplauso	O Brasil como país jovem, de estrutura social plástica rico de possibilidades e com uma formação de equilíbrio adaptável a todas as transformações, está naturalmente projetado para o futuro e nele terá de encontrar a solução definitiva das equações do seu progresso.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	Não deve, portanto, temer os dias vindouros e os sacrifícios inevitáveis que lhe assegurarão o direito de colaborar nas renovações de ordem política e econômica que resultarem desse tremendo choque de poderio, mentalidades e culturas.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	A causa que defendemos desperta o sentimento de justiça das consciências livres trazendo-nos a solidariedade dos povos do continente através dos seus governos e homens representativos. Todas as nações americanas... Todas as nações americanas compreendem que estão sob a ameaça de idênticos perigos e sujeitas

Silêncio de Vargas e aplauso	a idênticos atos de brutalidade e violência. Isolar-se equivale a expor-se mais facilmente a cobiça dos conquistadores. A União Nacional e a União Continental são os imperativos à hora presente e por isso só temos motivos para regozijar-nos diante das manifestações de simpatia e apoio recebidos dos outros povos americanos em hora de tamanhas apreensões e responsabilidades.
Silêncio de Vargas e aplauso	Foram os Estados Unidos a primeira nação do continente a sofrer o golpe da insidia e o ataque armado. E a solidariedade que lhe demos então, sem hesitações nós a sentimos retribuída agora de forma inequívoca no apoio fraternal de seu valeroso povo e na colaboração para repelir pelas armas a agressão à nossa soberania.
Silêncio de Vargas e aplauso	Tudo isso significa a existência de um movimento unânime de repúdio e adesão nos povos americanos. E aqui mesmo, ao nosso lado, temos a honra e o orgulho de ver como testemunho direto desse espírito de compreensão fraternal a figura, por tantos títulos, respeitável e prestigiosa do general Agustin Justo.
Silêncio de Vargas e aplauso	Nosso hóspede e companheiro de armas que bem representa neste momento, com seu gesto generoso e cavalheiresco, os sentimentos da sua nobre pátria e a forma ativa dos ideais americanistas.
Silêncio de Vargas e aplauso	Brasileiros, estou certo da vossa lealdade, da vossa coragem
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	do vosso ânimo para enfrentar a luta.
Silêncio de Vargas e Manifestação popular	A exaltação patriótica, a vibração cívica, o calor de brasilidade postos nessas comemorações do dia da independência revelam, acima de tudo, o grau de homogeneidade dos nossos sentimentos e das nossas disposições de repetir e reafirmar o sentido heróico da nossa história e a inflexível decisão de vencer.
Silêncio de Vargas e aplauso	Combatendo até a vitória decisiva, seremos dignos da América, continente de homens livres, e seremos dignos do Brasil, pátria grande e gloriosa.
Silêncio de Vargas e aplauso	Do Brasil, pátria grande e gloriosa, merecedora de todas as renúncias e de todos os sacrifícios.
Silêncio de Vargas e aplauso	

LOCUTOR:	O departamento de imprensa e propaganda acaba de transmitir para todo o Brasil a palavra do presidente Getúlio Vargas, que foi recebida pela grande assistência que se comprime aqui no Estádio do Vasco, com as maiores demonstrações de entusiasmo e de apoio.
Silêncio do locutor	Senhores ouvintes, vamos prosseguir agora com a apresentação do programa organizado para a concentração física do Orfeônica, realizada hoje como ponto culminante das comemorações do dia 7 de setembro, no campo do Clube do Regatas Vasco da Gama.
Saudação orfeônica	Os 25 mil estudantes acabam de fazer uma saudação orfeônica ao general Agustin Justo. Salve o nosso líder, Justo! Sob a regência do maestro Vila Lobos, as 25 mil crianças reunidas na arquibancada central do Vasco da Gama, está apresentando agora a parte orfeônica desse programa.
Saudação orfeônica	Orfeônica! A saudação que se seguiu agora foi a saudação orfeônica ao senhor Nelson Rockefeller.
Saudação orfeônica	Prosseguiremos agora, senhores ouvintes, nesse grande programa de comemorações cívicas militares realizadas no campo do Vasco da Gama, com o Hino da Independência, executado por coros e bandas.
Hino da Independência/ aplausos	O Departamento de Imprensa e Propaganda acaba de transmitir diretamente do Campo do Vasco da Gama o Hino da Independência, um título que será elevado hoje e que será atrasado da Independência, executado por 25 mil escolares e 500 músicos. Prossegue, senhores ouvintes, o programa da grande concentração cívica no estádio do Vasco da Gama, com a oração cívico-religiosa, que é uma saudação orfeônica.
Silêncio	Esse número é um número de efeito visual. Os alunos que se concentram na arquibancada do Vasco da Gama, que são em número de 25 mil, formam um lençol branco com os seus uniformes. Agitando bandeiras e erguendo-se um determinado número desses alunos, ficou formada a palavra BRASIL, com as letras distribuídas pelas diferentes arquibancadas em que estão localizados esses alunos. Erguem-se os 25 mil escolares.
Saudação Orfeônica	Acabaram de ouvir a saudação orfeônica ao presidente Getúlio Vargas, criador da juventude brasileira. Em prosseguimento, hino à bandeira nacional pelos coros e bandas.
Hino à bandeira nacional	Pelos coros e bandas presentes no campo do Clube de Regatas Vasco da Gama, onde se está realizando a grande concentração cívica da <i>Hora da Independência</i> ,

	ouviram o hino à bandeira nacional de Francisco Braga e Olavo Bilac. Os escolares aqui concentrados, que formam um orfeão de 25 mil alunos, estão fazendo neste momento a saudação orfeônica à bandeira. Agitando bandeirolas verdes, amarelas, azuis, os escolares formam, ao longo de toda a arquibancada agitando estas bandeiras, o Auriverde Pendão do Brasil.
Saudação à Pátria	Em prosseguimento do programa que está sendo realizado no campo do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, vão ouvir Brasil, País do Futuro, um coro a duas vozes de Jota Vieira Brandão. O maestro Vila Lobos, dirigindo a concentração cívica orfeônica dos 25 mil escolares, está fazendo neste momento a saudação à pátria.
Coro	A seguir, o coro a duas vozes, “Brasil, País do Futuro” de J. Vieira Brandão.
Efeitos Orfeônicos Onomatopaicos	Interpretado pelos 25 mil escolares, ouviram Brasil, país do futuro, um coro a duas vozes de J. Vieira Brandão. Serão apresentados agora alguns efeitos orfeônicos onomatopaicos. Ruidos de palmeiras, invocação à metalurgia e a história se revela.
Coro a quatro vozes	Vai ser apresentado agora o juramento da juventude brasileira, de Vila Lobos e Murilo Araújo, coro a quatro vozes. Os solistas são um rapaz representando a ala maior da juventude, uma menina representando a ala menor e um menino a ala menor.
Marcha Heróica	O Departamento de Imprensa e Propaganda acaba de transmitir o juramento da juventude brasileira, coro a quatro vozes, de Vila Lobos e Murilo Araújo, com os solistas, que são os representantes da ala maior, ala menor masculina e ala menor feminina. Chegamos, portanto, senhores ouvintes, ao último número do grande programa de comemorações organizado para o estádio do Vasco da Gama, nesta data de comemoração do 7 de setembro. O último número é 7 de setembro, Marcha Heróica.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026

A seguir, destaca-se a cobertura do *Diario Carioca* ao discurso de Vargas, anteriormente mencionada. Observa-se que o jornal evidenciou tanto o conteúdo quanto o discurso em si. A legenda da montagem fotográfica explica que as imagens se referem ao momento em que Vargas proferia o discurso e seu agradecimento às manifestações populares (ao seu lado está o general Agustin Justo).

Figuras 1 e 2 – Capa do Diário Carioca e destaque da notícia sobre o pronunciamento de Getúlio Vargas



Fonte: Biblioteca Nacional, acervo da Hemeroteca, Diário Carioca, 8/7/1942

5.2 Locutor

É importante compreender o papel desempenhado pelo locutor na construção da imagem de Vargas, uma vez que sua atuação ultrapassa a função de simples mediador da informação. Observa-se que ele parece seguir um roteiro de narração no início do programa, apresentando a satisfação dos brasileiros com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e explicando como se desenvolveria a programação do 7 de setembro. No decorrer da transmissão, contudo, o locutor também improvisa ao narrar os acontecimentos em tempo real.

Essa articulação entre um texto possivelmente planejado e a fala aparentemente espontânea constitui, segundo Balsebre (2005), uma das características da palavra radiofônica. Para o autor, embora a mensagem seja preparada com antecedência, sua leitura busca reproduzir um modo de falar natural e próximo do ouvinte, reduzindo a sensação de distanciamento. Por esse motivo, a redação radiofônica deve ser concebida para a oralidade, incorporando recursos

expressivos que produzam uma percepção de autenticidade e aproximem a locução das características de um discurso improvisado. Ao discutir essa dimensão da linguagem radiofônica, Balsebre (2005) também destaca que a improvisação exige domínio técnico da voz e do discurso, afirmando que:

A arte de improvisação verbal pode ser sistematizada em três regras: Não falar do que não se conhece, não afastar-se do tema e aprender a liberar-se fisicamente. Também é necessária uma especial sensibilidade para o uso da pausa: o silêncio. Mas devemos lembrar que uma pausa prolongada pode significar a interrupção da comunicação. FERRERI⁵ trata da força sugestiva da voz humana e da arte de colorir uma notícia, além do sentido difícil da pausa. Ele defende que graças ao rádio a palavra recuperou sua autoridade (Balsebre, 2005, p. 330).

Com base nesses pressupostos teóricos, passa-se à análise da atuação do locutor na transmissão *A Hora da Independência*. Como o áudio possui longa duração, foram selecionadas duas amostras, apresentadas a seguir. A primeira corresponde ao início do programa e tem como objetivo compreender, de forma preliminar, a condução da transmissão antes da chegada do presidente, abrangendo o trecho entre os minutos 0:52 e 3:27. A segunda amostra compreende o trecho entre os minutos 15:56 e 23:50, correspondente à narração da chegada de Vargas ao Estádio do Vasco até o início de seu discurso. Essa escolha justifica-se pelo objetivo da análise, que consiste em compreender o fortalecimento da imagem de Vargas a partir da forma como o locutor se refere ao presidente ao longo da transmissão. Nas transcrições apresentadas, as palavras destacadas em **negrito** indicam os momentos em que o locutor eleva o tom de voz, atribuindo maior ênfase à locução. As marcações (p) representam pausas breves; (s) indica uma pausa mais longa, correspondente ao silêncio; e (mp) refere-se às manifestações do público, como gritos e aplausos.

Primeira amostra:

Senhores ouvintes, (p) muito boa tarde. (p) O Departamento de Imprensa e Propaganda, (p) vai transmitir a Hora do Brasil, (p) neste dia 7 de setembro, (p) diretamente do estádio do clube de Regatas do Vasco da Gama, (p) a bela praça dos esportes do bairro carioca São **Januário**, (p) onde todos os **anos** (p) têm sido realizadas as grandes concentrações de estudantes do povo **brasileiro**, (p) para ouvirem o discurso alusivo à data **magna** do **país**, (p) pronunciado pelo presidente Getúlio Vargas. (p) Os ouvintes brasileiros (p) devem ter acompanhado pelo profundo noticiário da imprensa, (p) e pelas transmissões radiofônicas do Departamento de

⁵ Em nota de rodapé, o autor menciona que “Enzo Ferreri publicou em 1931 o manifesto do rádio como força criativa com um decálogo de propostas”

Imprensa e **Propaganda**, (p) o transcurso das tropas e solenidades (p) de imensa impressão física, (p) que neste ano, (p) como em todos os anos **anteriores**, (p) foram realizadas nesta capital e em todas as metrópoles e cidades do interior do **país**, (p) rememorando o episódio **histórico** que determinou a nossa libertação das forças portuguesas. (p) Um conjunto de especiais circunstâncias, (p) envolve as festas da Semana da **Pátria**, de importância especial neste **ano**, (p) determinando uma vibração patriótica **inédita** (p) nos anais brasileiros. (p) A Luta em primeiro **plano**, (p) o estado de **guerra** existente entre o Brasil (p) e as duas potências do **eixo** (p) que **agrediram** o pavilhão nacional **traçoeiramente**, (p) sacrificando vidas e bens preciosos de nossa terra. (p) A nação **inteira**, (p) revoltada com o ato de covardia dos submarinos **inimigos**, (p) trouxe para a **rua**, num transbordamento de irreprimível **indignação** (p) o seu **protesto**, pedindo armas para vingar o ultraje. (p) A esses dias de clamor **público**, seguiu-se o ato governamental que reconheceu o ato de **guerra**, (p) comunicando à Itália e à **Alemanha** a existência de um estado de beligerância entre o Brasil e as potências do eixo. (p) Está o Brasil de **pé**. (p) As comemorações da Semana da Pátria cresceram assim de **importância**, (p) pois além de registarem a evidência da nação em **armas**, (p) serve ela para desagravar pela manifestação coesa de todas as forças e classes **brasileiras** (p) a bandeira ultrajada. (p) A soberania atingida pelos assassinos de nossos irmãos, (p) que navegavam em águas **nossas**, (p) cumprindo deveres **sagrados** e completamente indefesos. (p)

A primeira amostra evidencia uma locução predominantemente planejada, característica da palavra radiofônica descrita por Balsebre (2005). O trecho apresenta uma estrutura narrativa organizada, com informações previamente definidas sobre a programação oficial do 7 de setembro, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e o significado das comemorações da Semana da Pátria. A construção sintática elaborada e o vocabulário solene sugerem a leitura de um texto escrito para ser oralizado, confirmando a concepção de Balsebre (2005) de que a linguagem radiofônica é produzida para soar espontânea, embora seja previamente elaborada.

A abertura "Senhores ouvintes, muito boa tarde" constitui uma estratégia de interlocução direta que aproxima emissor e receptor. Conforme Kochhann (2024), a voz possibilita a construção de vínculos afetivos, reconhecimento e empatia. Nesse sentido, o locutor não apenas informa o público sobre a programação, mas o insere simbolicamente nas comemorações nacionais, convidando-o a compartilhar daquele momento cívico.

Outro aspecto que se destaca na primeira amostra é a expressividade vocal. Conforme observado na audição da gravação, o locutor eleva a intensidade da voz ao pronunciar as expressões destacadas nas amostras. Ao reforçar vocalmente trechos relacionados à guerra, ao patriotismo e à resistência nacional, ele dramatiza os acontecimentos narrados e atribui maior carga emocional ao discurso. No entanto, essa expressividade é mais contida quando comparada à de Getúlio Vargas, cuja performance vocal se caracteriza por maior intensidade e imposição da voz, conferindo ainda mais ênfase e autoridade ao pronunciamento presidencial.

É importante ressaltar, contudo, que a intensidade vocal de Vargas não deve ser

compreendida apenas como uma característica de sua performance oratória, mas também em relação à posição discursiva que ocupa como chefe da nação. No contexto da Segunda Guerra Mundial, essa posição adquiria especial relevância, uma vez que o pronunciamento presidencial participava da construção de uma narrativa oficial acerca do conflito, do patriotismo e da unidade nacional. Desse modo, a diferença entre as performances vocais também pode ser compreendida a partir das distintas posições ocupadas por ambos na produção discursiva: enquanto o locutor atua como mediador das informações transmitidas ao público, Vargas fala a partir do lugar institucional de chefe da nação, o que confere ao seu pronunciamento uma autoridade política e simbólica específica.

A variação de intensidade corresponde ao que Donanski (2014), a partir de Kaplún, define como modulação vocal, recurso que amplia a expressividade da locução e enfatiza determinadas informações. Sob a perspectiva de Balsebre (2005), essas alterações de intensidade e entonação conferem musicalidade à palavra radiofônica e contribuem para produzir um movimento afetivo capaz de envolver o ouvinte.

Segunda amostra:

Senhores **ouvintes**, (p) **mais** eloquentemente do que eu, falam as manifestações que o presidente Getúlio Vargas está recebendo neste **momento** (p) no campo do Vasco da Gama. **Ouçam** os aplausos (p) e aquilatem (p) pelo **rumor** e pelo clamor que enche completamente o Vasco da Gama, (p) o **entusiasmo** do público que aqui (p) se reuniu para assistir as brilhantes comemorações do 7 de setembro. (mp) O carro do chefe da **nação** (p) é completamente envolvido pelo povo (p) e faz a volta na pista recebendo (p) as manifestações infantis. **As crianças** (p) formadas na arquibancada central (p) **empunham** bandeiras (p) verdes, amarelas, azuis e brancas (p) formando em toda a arquibancada central (p) com as bandeiras **agitadas** uma bandeira viva do Brasil. (mp) O presidente Getúlio Vargas está passando neste momento em frente à arquibancada das crianças (mp) reunidas aqui para a execução do grande programa orfeônico. (mp) Continua Sua Excelência recebendo as manifestações de simpatia e de carinho (p) da **grande** assistência que enche **literalmente** as dependências do Clube **Vasco da Gama**. (p) Sua Excelência aproxima-se **agora** da arquibancada das **Gerais**. Os aplausos que estão **ouvindo**, (mp) **partem** da arquibancada das Gerais, (p) onde Sua Excelência está passando neste momento (p) no carro oficial precedido pelos **batedores** (p) e acompanhado pela comitiva presidencial. Todas as bandas de música aqui **presentes** (p) e que quase não podem ser ouvidas, tanta é a vibração reinante no **estádio**, (p) executam neste momento (p) o hino nacional. (p) O presidente da **República**, (p) no seu assento no **carro**, (p) **corresponde** às manifestações de apreço que lhe são tributadas pelo **povo** (mp) reunido no campo do Vasco da Gama. (p) O automóvel chega neste momento diante da tribuna oficial. (p) Sua Excelência vai desembarcar (p) estando ladeada pelo General Agustin **Justo**, (p) que foi recebido ontem com manifestações excepcionais de carinho e de entusiasmo do povo **brasileiro**, (p) pelo seu magnífico gesto, (p) oferecendo os serviços de General Honorário de Exército à nação **brasileira** (p) em **virtude** da declaração de guerra do **Brasil** à Alemanha e à Itália. (p) O **chefe da nação** (p) desembarca neste momento (p) do carro **presidencial** e é aplaudido (mp) pelos convidados que se acham no palanque **presidencial**. (p) Diversos outros carros da comitiva **presidencial** (p) estão desembarcando os convidados de **honra** que fazem parte da comitiva de Sua

Excelência, Senhor Presidente da República. (Sons do público cantando o Hino Nacional).

Os músicos das bandas militares aqui **reunidas**, ouviram o hino nacional brasileiro. Senhores agentes, vai ter início neste momento no **estádio** onde o Clube de Regatas Vasco da **Gama**, o grande programa organizado para a concentração **cívica. Atenção brasileiros! Atenção brasileiros! Atenção brasileiros!** Vai falar o chefe da **nação**. (s) mais sagrados da pátria exigiam imperativamente a atitude que tomamos. (mp) (Transcrição *Hora da Independência*)

Na segunda amostra, a locução assume características distintas em razão da transmissão em tempo real da chegada de Getúlio Vargas ao Estádio do Vasco. Observa-se uma presença muito maior de marcas de oralidade, expressas por construções como "neste momento", "aproxima-se agora", "chega neste momento" e "vai desembarcar". Essas expressões produzem um efeito de simultaneidade entre o acontecimento e sua narração, aproximando a locução da improvisação verbal descrita por Balsebre (2005). Ainda que exista um roteiro para orientar a transmissão, o locutor adapta continuamente sua fala aos acontecimentos que presencia, característica apontada pelo autor como constitutiva da linguagem radiofônica.

Nesse trecho, a voz também desempenha um papel central na construção da imagem de Vargas. O uso de expressões como "Sua Excelência", "chefe da nação", "presidente da República" e "manifestações de simpatia e de carinho" reforça simbolicamente sua autoridade e seu prestígio. Entretanto, sob a perspectiva da Formação Sonora, proposta por Lopez e Oliveira-Lopes (2024), essa construção não depende apenas da escolha lexical. A performance vocal, associada aos sons do ambiente (sinalizados no quadro do capítulo anterior), organiza a experiência de escuta e direciona a interpretação do ouvinte para a ideia de uma recepção calorosa e de amplo apoio popular.

A corporeidade da voz, discutida por Spritzer (2005) e retomada por Lopez e Oliveira-Lopes (2024), também pode ser observada nessa amostra. Embora o ouvinte não visualize os acontecimentos, a performance vocal do locutor constrói mentalmente o cenário das comemorações, descrevendo desfiles, cerimônias e manifestações patrióticas. Isso pode ser observado no trecho: "Sua Excelência está passando neste momento no carro oficial, precedido pelos batedores e acompanhado pela comitiva presidencial. Todas as bandas de música aqui presentes e que quase não podem ser ouvidas, tanta é a vibração reinante no estádio, executam neste momento o Hino Nacional." Por meio dessa descrição e da expressividade da voz, o ouvinte é levado a imaginar a chegada do carro oficial, o deslocamento da comitiva presidencial e a intensa comoção popular presente no estádio.

Essa articulação torna-se evidente quando o locutor afirma: "Ouçam os aplausos e

aquilatem pelo rumor e pelo clamor que enche completamente o Vasco da Gama". Nesse momento, a voz deixa de apenas descrever o ambiente e passa a orientar a escuta do público, indicando quais sons devem ser percebidos como relevantes. Conforme Balsebre (2005), a linguagem radiofônica resulta da integração entre palavra, efeitos sonoros, música e silêncio. Assim, os aplausos e os cantos do público deixam de funcionar apenas como ruídos ambientes para integrar a narrativa construída pelo locutor.

A performance vocal observada na segunda amostra confirma o conceito de voz-corpo desenvolvido por Spritzer (2005). A locução acompanha o deslocamento do automóvel presidencial, descreve a movimentação da multidão e indica a localização de Vargas dentro do estádio. Dessa forma, a voz substitui a imagem e conduz o ouvinte pelo espaço, permitindo que ele visualize mentalmente o acontecimento. Conforme Lopez e Oliveira-Lopes (2024), essa capacidade de ambientar cenas constitui um índice da Formação Sonora, pois organiza a percepção do acontecimento por meio da voz.

Observa-se que o silêncio, imediatamente após o anúncio "**Vai falar o chefe da nação**", reorganiza a narrativa sonora. A breve interrupção da fala do locutor atua como uma pausa significativa, aspecto discutido por Balsebre (2005). Nesse contexto, a suspensão momentânea da voz delimita uma nova unidade narrativa, marca a transição entre a locução e o pronunciamento presidencial e reforça a solenidade da cerimônia. Ao mesmo tempo, o silêncio evidencia que a atenção do público se volta para a figura do presidente, atribuindo maior relevância a sua fala.

Por fim, antes de analisar o discurso de Vargas, é importante considerar o timbre. Para Meditsch (2001), ele é a característica que diferencia um som de outro e lhe confere uma identidade própria. Esse aspecto pode ser observado ao final da segunda amostra, quando o locutor anuncia o início do pronunciamento presidencial. No momento em que Vargas começa a falar, percebe-se imediatamente a diferença entre os timbres das duas vozes. Enquanto o locutor apresenta uma voz característica da narração radiofônica, a voz de Vargas possui um timbre distinto, acompanhado de uma entonação mais firme e de maior intensidade, permitindo ao ouvinte reconhecer a mudança de enunciador.

Também se evidencia a curva dinâmica, definida por Meditsch (2001) como a forma pela qual o som se desenvolve ao longo do tempo. No pronunciamento de Vargas, observam-se alternâncias entre momentos de maior intensidade vocal e pausas breves, especialmente após as palavras enfatizadas. Essas variações de intensidade e de ritmo fazem com que a voz não permaneça linear, produzindo um movimento sonoro semelhante a uma onda, em que o volume

se eleva e diminui continuamente. Esse recurso contribui para romper a monotonia da fala, conferir maior expressividade ao discurso e direcionar a atenção do ouvinte para os trechos considerados mais relevantes.

Em resumo, a análise da locução evidencia que a construção da imagem de Getúlio Vargas na transmissão do programa *Hora da Independência* não resulta apenas do conteúdo verbal da narração, mas da articulação entre diferentes elementos da linguagem radiofônica. A partir das contribuições de Balsebre (1994), Lopez e Oliveira-Lopes (2024), Spritzer (2005), Donanski (2014), Kochhann (2024) e Meditsch (2001), observa-se que recursos como a intensidade da voz, a entonação, as pausas, o silêncio, o timbre, a curva dinâmica e a interação com os sons do ambiente organizam a experiência de escuta e orientam a interpretação do acontecimento. A atuação do locutor, ao descrever a chegada do presidente, destacar as manifestações populares e conduzir a atenção do ouvinte para determinados elementos da cena, contribui para produzir uma imagem de Vargas associada à autoridade, ao prestígio e ao apoio popular.

Desse modo, a transmissão radiofônica revela-se um espaço de produção de sentidos em que voz, sonoridade e narrativa atuam conjuntamente na construção simbólica da figura presidencial. Compreendida essa dimensão da atuação do locutor, passa-se, no item seguinte, à análise do discurso proferido por Getúlio Vargas, buscando compreender como sua própria performance vocal reforça os sentidos já construídos pela narrativa radiofônica.

5.3 Discurso de Vargas

Em síntese, o discurso de Getúlio Vargas no 7 de setembro de 1942 tem como objetivo justificar a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mobilizar a população e fortalecer o sentimento patriótico. Ao longo do pronunciamento, o presidente sustenta que a comemoração da Independência deixa de ser apenas uma celebração cívica para assumir o caráter de um momento de mobilização nacional diante do contexto de guerra. Vargas argumenta que o Brasil sempre manteve uma política de paz e de boas relações internacionais, mas foi compelido a ingressar no conflito após os ataques de submarinos do Eixo contra navios brasileiros, que resultaram na morte de centenas de civis. Assim, apresenta a declaração de guerra como uma medida necessária para defender a honra, a soberania e os interesses da nação.

Para a análise, foi selecionado o trecho inicial do pronunciamento, compreendido entre os minutos 24:16 e 28:55. Novamente, as palavras destacadas em **negrito** indicam os momentos

em que Vargas eleva a intensidade da voz, conferindo maior ênfase ao discurso. A marcação (p) representa pausas breves, enquanto (mp) identifica manifestações populares registradas durante a transmissão, como aplausos, gritos ou outras demonstrações de apoio do público.

Brasileiros, (p) a comemoração do Dia da **Independência**,(p) que teve nos últimos **anos**, (p) punho de puro culto **cívico**, (p) reveste-se **hoje** de significação **maior**,(p) constitui **mesmo** (p) acontecimento extraordinário da vida **nacional**. (p) Por um quarto de **século**, (p) as festividades **públicas** (p) eram ocasião para demonstrar os esforços do **Brasil** (p) no sentido do progresso **pacífico** (p) e acolher as representações de outros **povos** (p) que vinham congratular-se conosco (p) e compartilhar da nossa justa **alegria**. (p) A Semana da **Pátria**, (p) neste ano de **1942**, (p) assume o caráter de (p) um movimento de mobilização geral das forças morais e materiais da **nação**. (p) Serve para conclamar os **brasileiros** (p) ao cumprimento de obrigações **penosas** (p) impostas por circunstâncias **incontroláveis**. (p) Para as quais não **concorremos**, (p) mas a que temos de fazer **frente**, (p) com quantas energias possamos **dispor**. (mp) Cultivando as boas relações com todos os **povos**, (p) praticando uma política sadia de aproximação e **concórdia**, (p) fomos, entretanto, surpreendidos (p) com uma agressão brutal e **inesperada** (p) por parte de **Estados** que haviam, desde **tempos**, (p) perdido o respeito de si **próprios** (p) e não podiam **consequentemente**, (mp) manter o respeito devido aos **outros**. (p) Como todos vocês **sabeis**, (p) em agosto **último**, (p) navios da Marinha Mercante **brasileira** (p) foram torpedeados a vista das nossas **costas** (p) por uma ação deliberada e **perversa** (p) de **contrários** sobre a bandeira das nações **depressas** (p) que lançaram o **mundo** no mais sangrento conflito desse século. (mp) Vivemos a dignidade de revidar a **afronta**, (p) guardamos o respeito a nós **próprios**, (mp) defendemos tenazmente a nossa **forma de viver** (p) e os nossos deveres **continentais** (mp) e, por isso mesmo, fomos **agredidos** e mais de 600 **brasileiros** (p) perderam a vida numa emboscada **marítima** (p) executada com requintes (p) de inaudita **crueldade**.(mp) A vossa reação, **brasileiro**, (p) esteve à altura da **ofensa**. (p) Protestasse com **indignação**, (mp) protestasse com **indignação**, (p) solicitassem por todas as formas (p) de expressar a vontade **popular** (p) que o governo declarasse guerra aos **agressores**. (mp)

Diferentemente da locução que antecede seu pronunciamento, a performance vocal de Getúlio não tem como principal função narrar acontecimentos, mas conduzir a interpretação do público sobre eles. Sob a perspectiva da Formação Sonora (Lopez; Oliveira-Lopes, 2024), a voz presidencial organiza a escuta ao distribuir diferentes graus de intensidade ao longo do discurso. Observa-se que Vargas concentra a elevação da intensidade vocal em palavras que sintetizam os principais eixos argumentativos da fala, como “**Brasileiros**”, “**Independência**”, “**Brasil**”, “**nação**”, “**frente**”, “**agredidos**”, “**crueldade**”, “**ofensa**”, “**indignação**” e “**agressores**”.

Essa estratégia evidencia a importância da voz na comunicação política. Como afirmam Mazoro, Mendes e Façanha (2025, p. 14), a voz constitui um recurso fundamental na atuação política, uma vez que funciona como um elemento expressivo capaz de produzir efeitos de

persuasão, conferir credibilidade ao discurso e reforçar a imagem pública do orador.

No contexto político, a comunicação oral eficiente é indispensável. A maneira como um político se expressa, o timbre da voz, a clareza na articulação, o ritmo, a velocidade da fala e a postura vocal influenciam diretamente a construção de sua imagem pública e sua capacidade de persuadir e mobilizar a população (MAZORO; MENDES; FAÇANHA, 2025, p. 23).

As pausas também desempenham um papel fundamental na construção discursiva. Elas não se limitam a momentos de respiração ou de separação sintática, mas segmentam o discurso em pequenas unidades argumentativas. Frequentemente, a pausa sucede a elevação do volume da voz, permitindo que a informação permaneça momentaneamente isolada antes da introdução de uma nova ideia. Conforme discute Balsebre (2005), essas interrupções criam um tempo de elaboração da mensagem e evitam que os argumentos se diluam em uma sequência contínua de informações. Essa característica diferencia o discurso presidencial da narração do locutor. Enquanto, na locução, as pausas acompanham principalmente a descrição dos acontecimentos em tempo real, no pronunciamento de Vargas elas organizam o desenvolvimento do raciocínio político e conferem maior solenidade à fala.

Essa organização sonora também altera a função desempenhada pelas manifestações populares registradas na transmissão. Durante a locução, o narrador descreve, em alguns momentos, os aplausos, os gritos e as demais reações do público, incorporando-os à narração dos acontecimentos. Já no pronunciamento presidencial, essas manifestações deixam de ser apenas relatadas e passam a surgir como consequência direta da fala de Vargas. Os aplausos e demais demonstrações de apoio, registrados após determinados trechos do discurso, integram a sequência sonora como respostas imediatas às afirmações do presidente.

Sob a perspectiva da Formação Sonora, esses sons não funcionam apenas como elementos de ambientação. Sua posição na montagem sonora produz um efeito de validação pública do pronunciamento. O ouvinte não apenas escuta Vargas, mas também a reação positiva da multidão às suas palavras, o que contribui para fortalecer sua autoridade e legitimar os argumentos apresentados ao longo da transmissão.

Além disso, diferentemente de uma fala marcada por oscilações emocionais imprevisíveis, Vargas mantém um padrão relativamente regular de intensificação vocal. As elevações de intensidade concentram-se em pontos específicos da argumentação e são imediatamente seguidas por pausas breves, produzindo uma cadência que confere solenidade ao pronunciamento. A combinação entre intensidade, ritmo e pausas evidencia uma

performance vocal cuidadosamente controlada, reforçando sua presença diante do ouvinte. Em determinados momentos, essa percepção é intensificada pelo uso de uma voz mais grave que, segundo Balsebre (2005), produz um efeito psicológico de maior proximidade e presença.

Logo, a análise evidencia que a construção da imagem de Getúlio Vargas durante seu pronunciamento não se apoia apenas no conteúdo verbal do discurso, mas também na maneira como ele é enunciado. A intensidade da voz, o ritmo, as pausas, a entonação e as manifestações populares registradas na transmissão constituem elementos da linguagem radiofônica que produzem sentidos e orientam a interpretação do ouvinte. Esses recursos atuam de forma articulada na construção de uma performance vocal que reforça a autoridade presidencial, atribui credibilidade aos argumentos apresentados e favorece a mobilização do público em torno da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, o pronunciamento revela que, no rádio, a eficácia do discurso político depende não apenas do que é dito, mas também da forma como a voz organiza a experiência de escuta e produz efeitos de convencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que forma a linguagem radiofônica contribuiu para a construção da imagem política de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, tendo como objeto de estudo a edição especial *Hora da Independência*, do programa *A Hora do Brasil*, transmitida em 7 de setembro de 1942. Partiu-se da premissa de que a construção da imagem presidencial no rádio não se restringe ao conteúdo verbal dos discursos, mas resulta da articulação entre os diferentes elementos sonoros que compõem a linguagem radiofônica, como a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Esses recursos atuam de forma integrada na produção de sentidos e na consolidação da representação política do chefe de Estado.

Para alcançar esse objetivo, realizou-se inicialmente uma contextualização histórica acerca da consolidação do rádio como instrumento de comunicação política durante o Estado Novo, destacando a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) na legitimação do regime. Em seguida, foram discutidos os pressupostos teóricos relacionados ao discurso político, fundamentados nas contribuições de Patrick Charaudeau (2011), Michel Pêcheux (2002) e Eni Orlandi (2007; 2023), compreendendo o discurso como uma prática social atravessada por relações de poder, condições históricas e estratégias de produção de sentidos.

Na sequência, a pesquisa voltou-se para o estudo da linguagem radiofônica e da Formação Sonora, conceito desenvolvido por Lopez e Oliveira-Lopes (2024), articulando-o às contribuições de Balsebre (2005), Meditsch (2001), Spritzer (2005), Kochhann (2024), Schafer (2001) que compreendem o rádio como uma linguagem construída pela integração entre palavra, voz, silêncio, música e ambiente sonoro. Essa perspectiva permitiu compreender que os sentidos produzidos pela transmissão extrapolam o plano verbal, sendo construídos também por aspectos acústicos e performáticos.

A análise do corpus evidenciou que a construção da imagem de Vargas ocorre de maneira progressiva ao longo da transmissão. Inicialmente, o locutor organiza a narrativa, contextualiza os acontecimentos e introduz o presidente como principal personagem das comemorações. Ao descrever a chegada de Vargas ao estádio, enfatizar as manifestações populares e recorrer a expressões honoríficas, a locução contribui para construir uma representação de autoridade, prestígio e ampla aceitação pública.

Observou-se ainda que essa construção simbólica é reforçada pelo ambiente sonoro da

transmissão. Os aplausos, as manifestações do público, os hinos, os cantos orfeônicos e os demais sons presentes na cerimônia não atuam apenas como elementos de ambientação, mas participam ativamente da produção de sentidos. Integrados à narrativa radiofônica, esses recursos criam uma atmosfera de entusiasmo coletivo e fortalecem a percepção de unidade nacional em torno da figura presidencial.

No pronunciamento de Getúlio Vargas, verificou-se que a performance vocal desempenha papel central na produção desses sentidos. A intensidade da voz, a entonação, o ritmo, as pausas e a regularidade da fala organizam a escuta do público e direcionam a atenção para os principais argumentos do discurso. As manifestações populares registradas durante a transmissão, ao surgirem como resposta às palavras do presidente, reforçam simbolicamente sua autoridade e contribuem para potencializar a mensagem transmitida. Dessa forma, a análise demonstra que a eficácia do discurso político radiofônico resulta da articulação entre conteúdo verbal, performance vocal e ambiente sonoro.

Os resultados obtidos confirmam, portanto, a hipótese que orientou esta pesquisa: a construção da imagem pública de Getúlio Vargas na transmissão analisada não depende apenas das ideias expressas em seu pronunciamento, mas da integração entre diferentes elementos da linguagem radiofônica. A voz do locutor, a voz presidencial, os silêncios, a organização narrativa, a música e os sons do ambiente constituem recursos que atuam conjuntamente na produção de sentidos e na consolidação da imagem de um líder patriótico e próximo da população.

Do ponto de vista metodológico, a adoção do conceito de Formação Sonora mostrou-se particularmente relevante, pois possibilitou ampliar a análise para além da dimensão verbal do discurso, evidenciando a importância dos aspectos sonoros na comunicação política radiofônica.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para o aprofundamento dos estudos sobre a relação entre rádio, linguagem e comunicação política, ao evidenciar o potencial analítico da dimensão sonora na construção de sentidos e de imagens públicas.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Erivelto. A história da Voz do Brasil: uma proposta de periodização. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR), 2021, Juiz de Fora. **Anais** [...]. Juiz de Fora: ALCAR, 2021. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-do-evento/>. Acesso em: 7 jun. 2026.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Constituições de 1934 e 1937: a era Vargas**. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=264668>. Acesso em: 6 jul. 2026.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR). **Carta de Natal – XII Encontro Nacional – Natal/RN**. Natal, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em: 21 fev. 2026.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. p.327-336
- BEZERRA, Ada Kesia Guedes. **O mito Lula: política, discursos e cenário midiático**. 2011. 334 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.
- BRASIL. Decreto nº 19.398, de 11 de novembro de 1930. **Institui o Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, e dá outras providências**. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1930. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19398-11-novembro-1930-517605-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 4 jul. 2026.
- BRASIL. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 1 out. 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm. Acesso em: 21 fev. 2026.
- BRASIL. Ministério das Comunicações. **Ministério das Comunicações aumenta em 275% número de outorgas para rádios comunitárias no Brasil**. Brasília, 03 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2025/fevereiro/ministerio-das-comunicacoes-aumenta-em-275-numero-de-outorgas-para-radios-comunitarias-no-brasil>. Acesso em: 21 fev. 2026.
- CALABRE, Lia. A era do rádio – memória e história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais** [...] João Pessoa: ANPUH, 2003. p. 1–8. Disponível em: <https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnaional/S.22/ANPUH.S22.379.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2026.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2011.
- COELHO, Patrícia. **Intelectuais em defesa da radiocultura (1920-1930)**. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 51-70, jul./dez. 2014. DOI: 10.1590/rbcc.v37i2.2109. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/interc/a/D7r96Lm5b3Z4phvstbkvp7m/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2026.

DANCUR, Eliane Calixto Paiva. **Café com o Presidente: o programa de radiojornalismo com o Presidente Lula**. 2009. 240 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

DONANSKI, Jéssica Samara. **O uso dos recursos de áudio na comunicação interna: um programa de rádio para o Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Institucional) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

FERREIRA, Gisele Sayeg Nunes. **Sarney, FHC e Lula: 22 anos de “conversas ao pé do rádio” e democracia**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), 2007. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0151-1.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2026.

FIGUEIREDO, Eurico de Lima. **Desfiles de 7 de setembro reforçam o imaginário de força**. *Agência Brasil*, Brasília, 7 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/desfiles-de-7-de-setembro-reforcaram-o-imaginario-de-forca>. Acesso em: 29 abr. 2025.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rádio Record**. In: Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (DHBPR). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/R%C3%81DIO%20RECORD.pdf>. Acesso em: 7 jul 2026.

GELEDÉS. Dilma estreia programa de rádio “Café com a presidenta” nesta segunda-feira. Em Pauta, 07/02/2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dilma-estrela-programa-de-radio-cafe-com-a-presidenta-nesta-segunda-feira/>. Acesso em: 9 jun 2026.

GOMES, Ângela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e mito Vargas: calendário de 1940. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), 22., 2003, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: Editora UFBA, 2004.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. **Sonificação de dados: uma aproximação metodológica**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 44., 2021, virtual. *Anais [...]*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

KAPA, Raphael. Especialistas discutem herança do DIP, órgão que ajudou a construir imagem de Vargas. *O Globo*, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/historia/especialistas-discutem-heranca-do-dip-orgao-queajudou-construir-imagem-de-vargas-14918932> Acesso em: 11 ago. 2026.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Data Stories #48 – Áudio em movimento: Inside Audio 2025**. São Paulo: Kantar IBOPE Media, 28 ago. 2025. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/data-stories-48-audio-em-movimento/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

KOCHHANN, Roscéli. Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 15, n. 3, p. 6–21, 2024. DOI: 10.63234/radiofonias.v15i3.7688. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7688/5864>. Acesso em: 21 fev. 2026.

KOCHHANN, Roscéli. **Por propostas metodológicas de processos de comunicação e interações do rádio contemporâneo**. 2024. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

KOCHHANN, Roscéli; QUADROS, Claudia Irene de. Rádio e metodologias: uma proposta para investigar a caracterização de produtos midiáticos radiofônicos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 34., 2025, Curitiba. **Anais...** Curitiba: COMPÓS, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/article/view/11247/7618>. Acesso em: 21 fev. 2026.

LOPEZ, Debora Cristina; OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de. Análise de discurso sonoro: uma proposta metodológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 47., 2024. **Anais [...]**. Intercom, 2024.

MAZORO, Edna Pereira; MENDES, Antônio Fagner de Lima; FAÇANHA, Rachel Costa. Fonoaudiologia e a voz do político: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 60, 2025.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação – teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Consolida-se a era do rádio**. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/consolida-se-a-era-do-radio>. Acesso em: 7 jul. 2026.

MEZZAROBBA, Orides. **Produção discente: Plano COHEN: a consolidação do anticomunismo no Brasil. Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 13, n. 24, p. 92-101, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/16143/14696>. Acesso em: 7 jul. 2026.

MODESTO, Cláudia Figueiredo. **Rádio, poder e política**. *Observatório da Imprensa*, ed. 538, 19 maio 2009. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/radio_poder_e_politica/. Acesso em: 7 jul. 2026.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

MOURA, Cristiane Soraya Sales. **O rádio como palco da campanha política: um estudo sobre os programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral de Lula em 2006**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

MUSTAFÁ, Izani. **O uso político do rádio pelos ditadores Getúlio Vargas (Brasil) e António de Oliveira Salazar (Portugal) no período de 1930–1945**. 2014. Tese (Doutorado

em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, Rafael Irineu de. Palavras ao trabalhador: comunicação, autoritarismo e consenso no Estado Novo (1937-1945). **Revista Histórias Públicas**, v. 3, n. 5, p. 16-34, jan./jun. 2025. DOI: 10.36704/rhp.v3i5.8918. Disponível em:

<https://revista.uemg.br/historiaspublicas/article/view/8918>. Acesso em: 7 jul. 2026.

OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de. **Revirando pelo avesso - a análise de discurso em podcast narrativo de ciência: uma proposta metodológica**. 2025. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.

OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de; FREIRE, Marcelo. Uma proposta de organização dos elementos simbólicos no podcasting como linguagem. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 16, n. 1, p. 100–121, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7994/6166>. Acesso em: 21 fev. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do Silêncio**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Argumentação e Análise de Discurso** – conceito e análise. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2023.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PONTO MAP; V-TRACKER. **Pesquisa “Credibilidade das Mídias” – rádio lidera índice de confiança no Brasil**. Dados divulgados no *Valor Econômico*, 2025.

PRATA, Nair; BIANCO, Nelia Del; FARIAS, Karina Woehl de. João Batista de Abreu: os bastidores da resistência à censura no rádio. Entrevista: João Batista de Abreu. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 15, n. 2, p. 117-128, maio/ago. 2024. DOI: 10.63234/radiofonias.v15i2.7574. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7574>. Acesso em: 7 jul. 2026.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **Revolução Constitucionalista de 1932: 80 anos de uma epopeia**. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2012. Disponível em:

<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=329170>. Acesso em: 3 jul. 2026.

RAAY, Hendrik. Sete de Setembro: 200 anos de comemorações da Independência: festas cívicas celebrando a Independência do Brasil tiveram diferentes significados ao longo do tempo. **Ciência & Cultura**, São Paulo, v. 74, n. 1, p. 1-9, jan./mar. 2022. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252022000100009 Acesso em: 9 jul 2025.

SANTOS, Ébida Rosa dos. A propaganda eleitoral no rádio: aspectos históricos e legais. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR SUL), 5., 2014, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), 2014. Disponível em: https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/GT_HIST%C3%93RIA_DA_MIDIA_SONORA_EBIDA_ROSA_DOS_SANTOS.pdf. Acesso em: 7 jul. 2026.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SILVA, Skarllety Fernandes da; RODRIGUES, Natacha Cabete Lins; FARIAS, Michele Wadja da Silva. O uso político do rádio na Era Vargas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]** São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

SOARES, Paula Meyer; BERNI, Mauro Donizetti; MANDUCA, Paulo C. A indústria de petróleo no Brasil: avaliação histórica da concepção da empresa Petrobrás. **Revista ENIAC Pesquisa**, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 124-143, 2012. DOI: 10.22567/rep.v1i2.68. Disponível em: <https://doi.org/10.22567/rep.v1i2.68> Acesso em: 7 jul. 2026.

SPRITZER, Mirna. **O corpo tornado voz**: a experiência pedagógica da peça radiofônica. 2005. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TURBOSCRIBE. *TurboScribe: transcribe audio and video to text*. [S. l.]: TurboScribe, [s. d.]. Disponível em: <https://turboscribe.ai/>.

VARGAS, Getúlio. A união sagrada dos brasileiros. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Getúlio Vargas: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [s. d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/getulio-vargas/textos-escolhidos>. Acesso em: 9 jul. 2026.

WESTIN, Ricardo. **Com golpe dado por Getúlio, Brasil ficou nove anos sem Senado**. *Senado Notícias*, Brasília, 9 set. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/com-golpe-dado-por-getulio-brasil-ficou-nove-anos-sem-senado/com-golpe-dado-por-getulio-brasil-ficou-nove-anos-sem-senado>. Acesso em: 6 jul. 2026.